



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS ARAPIRACA/SEDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

ALDO MATHEUS DO NASCIMENTO SILVA

**CONTRAÇÃO DE PREPOSIÇÕES COM ARTIGOS NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO (PB): CONTEXTOS DE USOS E ALTERNÂNCIA DE EFEITOS DE
SENTIDO**

ARAPIRACA

2023

ALDO MATHEUS DO NASCIMENTO SILVA

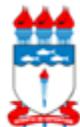
**CONTRAÇÃO DE PREPOSIÇÕES COM ARTIGOS NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO (PB): CONTEXTOS DE USOS E ALTERNÂNCIA DE EFEITOS DE
SENTIDO**

Trabalho de Conclusão de Curso – Gênero Monografia –
apresentado como requisito parcial para a obtenção do
grau de licenciado em Letras – Língua Portuguesa, pela
Universidade Federal de Alagoas (UFAL), *Campus*
Arapiraca/Sede.

Orientador: Professor Dr. Elias André da Silva.

Arapiraca

2023



Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
Biblioteca Setorial *Campus* Arapiraca - BSCA

S586c Silva, Aldo Matheus do Nascimento
Contração de preposições com artigos no Português Brasileiro (PB) [recurso eletrônico]: contextos de usos e alternâncias de efeitos de sentido / Aldo Matheus do Nascimento Silva. – Arapiraca, 2023.
67 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Elias André da Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) -
Universidade Federal de Alagoas, *Campus* Arapiraca, Arapiraca, 2023.
Disponível em: Universidade Digital (UD) – UFAL (*Campus* Arapiraca).
Referências: f. 64-67.

1. Letras. 2. Preposições. 3. Português brasileiro. I. Silva, Elias André da. II. Título.

CDU 81

ALDO MATHEUS DO NASCIMENTO SILVA

Contração de preposições com artigos no Português Brasileiro (PB): contextos de usos e alternância de efeitos de sentido

Trabalho de Conclusão de Curso – Gênero Monografia – apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), *Campus Arapiraca/Sede*.

Data da aprovação: 16 / 11 / 2023

Banca Examinadora

Elias André da Silva

Prof. Dr. Elias André da Silva
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca/Sede
(Orientador)

Deywid Wagner de Melo

Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca/Sede
(Examinador)

Karla Renata Mendes

Profa. Dr^a. Karla Renata Mendes
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca/Sede
(Examinadora)

Dedico esse trabalho a todas pessoas apaixonadas pelo estudo da língua em uso, tanto as que se encontram, hodiernamente, na produção da Ciência Linguística quanto as que não estão mais neste plano, em virtude de terem suas vidas dizimadas com a pandemia de *COVID-19*.

AGRADECIMENTOS

A Deus onipotente, onisciente e onipresente, por, com seu poder, sua sabedoria e presença, não me deixar esmorecer, desistir ou desamparar ao longo de minha mísera existência nesse plano;

À Virgem Mãe e Senhora do Santíssimo Rosário, por ser sempre alento, afago, nos momentos de aflição e sofrimento;

À minha mãe, Rosely Maria, exemplo de Mulher e Mãe, por estar sempre ao meu lado em minhas conquistas e derrotas. Sem seu cuidado e afeto maternos, nada do que venho construindo seria possível;

Ao meu pai, José Aldo, exemplo de superação, por, mesmo sem possuir educação formal, sempre me incentivar a “ser alguém” na vida, como assim sempre disse. Seu incentivo foi – e continua sendo – grande estímulo para minha trajetória;

Ao meu irmão, Francys Rafael, fonte de inspiração acadêmica, por ser sempre atento no que tange à partilha de minhas lamúrias tanto da vida quanto da academia;

À minha irmã, Josy Rafaela, uma mulher admirável, por sempre me auxiliar na engrenagem da vida;

À minha avó materna, Maria Roselita, à minha tia, Josely Nascimento, e ao meu tio, Manoel Messias, por se preocuparem sempre comigo e, sobretudo, por todo o apoio durante o período da graduação;

À Claudete Isidório e à Maria Roselita, por toda acolhida nas mais diversas vezes em que precisei reclinar a cabeça “nas Arapiracas” ao longo do PIBID e demais atividades acadêmicas;

À minha amiga de infância, Kallyne Teixeira, geógrafa pela UFAL, no *Campus A. C. Simões*, por, não obstante a distância física, sempre fazer-se perto;

À UFAL, universidade pública, gratuita e de qualidade, por permitir a minha permanência na Academia através de toda assistência estudantil;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento de bolsas no PIBID, PRP e PIBIC;

Ao meu professor/orientador/amigo, Elias André, por me mostrar – desde o 1º período em LPGA – a avidez pelo conhecimento científico. Gratidão por acreditar em meu potencial e, sobretudo, pela paciência. Gratidão, ainda, por me ensinar – com seu metodismo e responsabilidade – a ser pesquisador e a produzir Ciência Linguística, seja durante as intensas

aulas de Morfologia e Sintaxe de Língua Portuguesa, seja em reuniões remotas/presenciais da Monografia, PIBIC ou PRP;

Ao corpo docente do Curso de Letras (UFAL – *Campus* Arapiraca/Sede): Denise Melo, Deywid Melo, Eliane Vitorino, Elyne Vitória e Marcelo Marques, por todas as trocas dialógicas, discussões e produção de conhecimento. Sem a contribuição de vocês, não seria, sem dúvidas, o acadêmico que sou hoje;

À exímia professora, Karla Mendes, pesquisadora admirável, por me apresentar a área de Estudos Literários como uma possibilidade de se fazer Ciência. Gratidão por me apresentar Gilka Machado;

À querida professora, Helenice Fragoso, exemplo ímpar de profissional e ser humano, pelo incentivo constante para o prosseguimento de minha carreira acadêmica. Gratidão pelas partilhas acadêmicas e amigas;

À minha amiga, Carolyna Alécio, e ao meu amigo, Daniel Mendonça, por toda a parceria ao longo de quase cinco anos de empreitada acadêmica. Gratidão por tornar meus dias na academia menos sofridos e mais risonhos;

Às pessoas especiais que a academia me permitiu conhecer: Ana Patrícia, Edilene Pereira, Edielson Xavier, Maria Carla, Mariana Salgueiro e Maurício Almeida, dentre tantas outras, por todos os laços consolidados em diversos momentos;

Às parceiras que estão comigo na lida cotidiana: Ana Farias, Bruna Serqueira, Eduarda Nascimento, Gisely Souza, Leonora Lima e Stela Leite. Gratidão por compartilharem comigo das alegrias e tristezas da vida e da “UFAL”;

Ao Coro *Anima Christi*, pela compreensão para comigo ao longo do período de formação acadêmica;

Enfim, a todas as pessoas que (in)diretamente contribuíram para que essa etapa da minha vida fosse concluída; Deus vos abençoe copiosamente!

“Sem a linguagem, o pensamento é uma nebulosa vaga, inexplorada.”

(Ferdinand de Saussure)

RESUMO

Construções do tipo *Está na hora do almoço começar* e *Está na hora de o almoço começar* parecem estruturalmente semelhantes nas modalidades escrita e oral do Português Brasileiro (PB). É notável também que, a partir dessas sentenças, discussões podem ser engendradas sobre o modo como são grafadas – através da contração e não contração – e as diferenças de sentido entre elas. Nessa ótica, o objetivo dessa investigação científica é analisar ocorrências da contração de preposições com artigos definidos e indefinidos em produções autênticas escritas do PB. Com essa pesquisa, buscaram-se, além da questão cerne supramencionada, localizar usos de contrações viáveis ou não de preposições com artigos definidos e indefinidos em textos autênticos escritos; identificar sentido de posse ou referência e ação decorrida em torno da contração de preposições com artigos definidos e indefinidos; verificar contextos de usos do fenômeno da contração de preposições com artigos definidos e indefinidos em textos autênticos escritos e em dados de intuição; e testar possibilidades para contração de preposições com artigos definidos e indefinidos em dados de intuição. Ademais, essa investigação, localizada na área da Morfossintaxe, é de caráter bibliográfico e possui método de abordagem qualitativo no que se refere à análise dos dados. Para a composição do *corpus* de análise, foram utilizados vinte e sete dados autênticos escritos, oriundos de mídias sociais (como postagens em conta comercial no *Instagram* e notícias em sites com visibilidade nacional) e oriundos de outras fontes (como artigo científico, livros físicos e monografia). Menciona-se ainda que esse estudo está embasado à luz de Bechara (2019), Mioto, Silva e Lopes (2018), Azeredo (2013), Câmara Jr. (2011), Farias (2005) e Brito *in* Mateus *et al* (2003). Como resultados, evidencia-se que a contração de preposições + artigos definidos e indefinidos acontecerá tanto com os efeitos de sentido posse quanto com referência, havendo opcionalidade de (não) contração em alguns contextos sem alteração nos efeitos de sentido cotejados; já a não contração, só permitirá o efeito de sentido ação decorrida. Por fim, essa pesquisa justifica-se como relevante à comunidade em geral, por abordar uma temática ainda pouco elucidada de acordo com a literatura disponível e consultada *a priori*; à comunidade científica (Ciência Linguística), por evidenciar uma descrição mais acurada sobre o fenômeno supracitado; e ao pesquisador, por discutir um aspecto de língua materna perceptível em diversas interações e situações sociocomunicativas.

Palavras-chave: preposições; artigos; contração; efeitos de sentido; Português Brasileiro.

ABSTRACT

Constructions like *It's time for lunch to begin* and *It's time for lunch to begin* seem structurally similar in the written and oral forms of Brazilian Portuguese (BP). It is also notable that, from these sentences, discussions can be generated about the way they are spelled – through contraction and non-contraction – and the differences in meaning between them. From this perspective, the objective of this scientific investigation is to analyze occurrences of the contraction of prepositions with definite and indefinite articles in authentic written productions of BP. With this research, in addition to the core question mentioned above, we seek to locate the uses of viable or non-viable contractions of prepositions with definite and indefinite articles in authentic written texts; identify the meaning of possession or reference and the action that takes place around the contraction of prepositions with definite and indefinite articles; verify contexts of use of the phenomenon of contraction of prepositions with definite and indefinite articles in authentic written texts and in intuition data; and test possibilities for contracting prepositions with definite and indefinite articles in intuition data. Furthermore, this investigation, located in the area of Morphosyntax, is bibliographic in nature and has a qualitative approach method with regard to data analysis. To compose the analysis corpus, twenty-seven authentic written data were used, coming from social media (such as posts on a business account on Instagram and news on websites with national visibility) and from other sources (such as scientific articles, physical books and monography). It is also mentioned that this study is based on Bechara (2019), Mioto, Silva and Lopes (2018), Azeredo (2013), Câmara Jr. (2011), Farias (2005) and Brito in Mateus *et al* (2003). As a result, it is clear that the contraction of prepositions + definite and indefinite articles will occur both with the effects of possession and with reference, with the optionality of (non) contraction in some contexts without changing the effects of meaning compared; non-contraction, on the other hand, will only allow the effect of meaning in the action that has already taken place. Finally, this research is justified as relevant to the community in general, as it addresses a topic that has not yet been elucidated according to the available literature consulted a priori; to the scientific community (Linguistic Science), for providing a more accurate description of the aforementioned phenomenon; and to the researcher, for discussing an aspect of the mother tongue that is noticeable in different interactions and socio-communicative situations.

Keywords: prepositions; articles; contraction; sense effects; Brazilian Portuguese.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Composição interna das Categorias Lexicais	18
Quadro 2 – Classificação dos itens tradicionalmente chamados “pronomes”	22
Quadro 3 – Comparativo de conceitos para Artigo	24
Quadro 4 – Aproximações e distanciamentos entre Preposições Lexicais e Funcionais	46
Quadro 5 – Dados Oriundos de Mídia	57
Quadro 6 – Dados Oriundos de Outras Fontes	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

N	Nome(s)
NAdj	Nome(s) Adjetivo(s)
NS	Nome(s) Substantivo(s)
PB	Português Brasileiro
PG	Palavra(s) Gramatical(ais)
PL	Palavra(s) Lexical(ais)
SAdj	Sintagma(s) Adjetival(ais)
SAdv	Sintagma(s) Adverbial(ais)
DP	Sintagma Determinante
SN	Sintagma(s) Nominal(ais)
SP	Sintagma(s) Preposicional(ais)
V	Verbo(s)
+L	Mais Lexical
-L	Menos Lexical
+F	Mais Funcional
-F	Menos Funcional
+G	Mais Gramatical ou Gramaticalizada
-G	Menos Gramatical ou Gramaticalizada

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: PALAVRAS LEXICAIS E GRAMATICAIS	15
2.1	PALAVRAS LEXICAIS	15
2.1.1	Nomes e Verbos	16
2.2	PALAVRAS GRAMATICAIS	20
2.2.1	Elementos Determinantes	21
2.2.2	Elementos Relacionais	29
3	CATEGORIA PREPOSIÇÃO EM PERSPECTIVAS SEMÂNTICA E MORFOSSINTÁTICA	31
3.1	PROPRIEDADES DA CATEGORIA PREPOSIÇÃO	31
3.2	PREPOSIÇÕES COM TRAÇO MAIS LEXICAL	40
3.3	PREPOSIÇÕES COM TRAÇO MAIS FUNCIONAL	43
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	47
4.1	SISTEMÁTICA DE COLETA DOS DADOS	47
4.1.1	Caracterização da Pesquisa	47
4.1.2	Aplicação do Método de Abordagem	48
4.2	FORMA DE ORGANIZAÇÃO DOS DADOS	49
4.2.1	Dados Oriundos de Mídia	50
4.2.2	Dados Oriundos de Outras Fontes	58
5	CONCLUSÕES	60
	REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

Construções do tipo (1) *Está na hora do almoço começar* e (2) *Está na hora de o almoço começar* parecem estruturalmente semelhantes nas modalidades escrita e oral do Português Brasileiro (PB). É notável também que, a partir dessas sentenças, discussões podem ser engendradas sobre o modo como são grafadas e as diferenças de sentido entre elas. Na primeira sentença, tem-se a manifestação do fenômeno da contração da preposição [de] + o artigo definido [o], resultando em “do”. Já na segunda, há a não contração, permanecendo incólumes, portanto, preposição e artigo definido, ou seja, sem serem amalgamados, embora os efeitos de sentido sejam divergentes em ambas as construções.

Com efeito, os compêndios gramaticais normativos ao se referirem ao recurso da contração de preposições com artigos no PB o fazem de modo resumido e/ou aligeirado, quando o fazem. Em alguns desses compêndios, por exemplo, estabelece-se uma distinção pouco elucidativa entre os termos combinação e contração. Nessa perspectiva, o primeiro refere-se à preposição que ao ser ligada a outra palavra não sofre redução, nem perda de fonema, enquanto o segundo materializa-se quando a categoria preposição ao ser ligada a outra palavra sofre redução ou queda de fonema¹ (BECHARA, 2019, p. 326; CEGALLA, 2008, p. 271).

Bechara (2019, p. 326) sinaliza que se pode considerar contração somente o caso de crase e, em outros casos, diz-se que houve combinação². O gramático ainda afirma que a NGB não se pronunciou a respeito desse caso. Bechara (2019, p. 326) também apresenta uma justificativa – não muito precisa – sobre motivações para a ocorrência do fenômeno da contração em pauta. O autor pontua que, geralmente, a ligação ou não de preposição à palavra que lhe segue depende da necessidade de garantir a clareza da mensagem, sendo, assim, respalda por entoação especial, contudo não apresenta contextos de uso que sustentem essa assertiva.

Outras justificativas são mencionadas por Baccega (1989, p. 53). A primeira delas concerne ao fato de que, comumente, “[...] o artigo definido faz parte do título: (nome de jornal, de obra literária ou científica etc.). Nesse caso, quando o título vier antecedido de preposição, não se deve fazer a contração”. A segunda delas – e encontrada em manuais normativos – faz alusão à preposição que antecede o artigo não se relacionar com o Nome (N)

¹ Cientificamente, o fenômeno é entendido como Metaplasmo, isto é, transformações de natureza fonética que as palavras sofrem, acontecendo diante do processo enunciativo. No caso do recurso em questão, tem-se um metaplasmo por síncope (desaparecimento de fonema no interior do vocábulo).

² Sobre combinação, Bechara (2019) afirma que esse termo é muito amplo para ficar assim restringido. Segundo ele, a NGB, por exemplo, só emprega combinação de pronomes.

que ele determina, todavia, sim, com o Verbo (V). Assim, sendo N o sujeito da oração, sabe-se que o sujeito, no PB, não pode ser preposicionado (BACCEGA, 1989, p. 54).

Ademais, em informações de domínio público, como alguns *sites* e *blogs* que se debruçam a explicar o fenômeno, tem-se que: a) a contração é vista comumente, na língua, como um aspecto trivial e acontecerá quando a preposição sofrer modificações em sua estrutura fonológica ao ser unida a outra palavra; e b) na modalidade formal da linguagem, não se deve contrair preposição com artigo que encabeça o sujeito de um V. No entanto, são perceptíveis lacunas no concernente a explicações teóricas consolidadas sobre o recurso supracitado, bem como quais mecanismos regulamentam esse objeto na língua em uso do/a falante e os diferentes efeitos de sentido.

Assim, tecidas essas proposições, o presente Trabalho de Conclusão de Curso – no gênero acadêmico Monografia – traz como problema de pesquisa a contração das classes de palavras preposições com artigos no PB. Desse modo, objetiva-se, com o estudo em questão, analisar ocorrências da contração de preposições com artigos definidos e indefinidos em produções autênticas escritas do PB, verificando, por meio dos usos, a alternância de efeitos de sentido a partir de ocorrências em produções escritas.

Com essa pesquisa, buscam-se, além da questão cerne supramencionada: 1) Localizar usos de contrações viáveis ou não de preposições com artigos definidos e indefinidos em textos autênticos escritos; 2) Identificar sentido de posse ou referência e ação decorrida em torno da contração de preposições com artigos definidos e indefinidos; 3) Verificar contextos de usos do fenômeno da contração de preposições com artigos definidos e indefinidos em textos autênticos escritos e em dados de intuição³; e 4) Testar possibilidades para contração de preposições com artigos definidos e indefinidos em dados de intuição.

Nessa perspectiva, patenteiam-se três hipóteses as quais poderão ser corroboradas ou não. Ei-las: 1) a ideia de posse ou referência se restringe ao fenômeno da contração de preposições + artigos definidos e indefinidos para o PB escrito; 2) a ideia de posse ou referência é bloqueada pela ausência da contração de preposições + artigos definidos e indefinidos para o PB escrito, prevalecendo a ideia de ação decorrida; e 3) a contração ou não contração de preposições + artigos definidos e indefinidos não garante a restrição de posse ou referência e ação decorrida, nem é bloqueada pela ausência desse tipo de contração para o PB escrito.

³ São dados os quais o falante nativo de uma língua tem ciência de que são possíveis de realizar em sua língua materna e os utiliza como modelo de análise. (SILVA, 2021)

Feitas essas considerações, ressalta-se que esta investigação científica, localizada na área da Morfossintaxe, é de caráter bibliográfico e possui método de abordagem qualitativo no que se refere à análise dos dados coletados. Para a composição do *corpus* de análise, foram utilizados vinte e sete dados autênticos escritos e oriundos de mídias sociais, como postagens em conta comercial no *Instagram* e notícias em *sites* com visibilidade nacional, assim como dados oriundos de outras fontes, como artigo científico, livros físicos e monografia.

No tocante ao aporte teórico utilizado, esse estudo está ancorado em Arnaud e Lancelot (2001), Câmara Jr. (2011), Dubois *et al* (1999) e Perini (2005), no atinente à concepção de Palavra e Vocábulo, Palavras Lexicais e Gramaticais e suas subdivisões; Azeredo (2013), Bechara (2019), Brito *in* Mateus *et al* (2003), Castilho (2014), Cunha e Cintra (2016), que apresentam conceitos e discutem acerca das classes de palavras preposições e artigos. Pontuam-se, ainda, as discussões de Farias (2005), Farias *in* Moura e Farias (2005), Miotto, Silva e Lopes (2018) e Silva (2019), no que tange à categoria preposição em perspectiva morfossintática, além de alguns esclarecimentos quanto ao traço mais lexical ou mais funcional de preposições.

Tendo em vista a necessidade de um entendimento mais acurado sobre a problemática em questão, esta pesquisa justifica-se como relevante: a) à comunidade em geral, por abordar uma temática ainda pouco elucidada no que tange à sistematização de estudos divulgados, nesta seara, de acordo com a literatura disponível e consultada *a priori*; b) à comunidade científica (Ciência Linguística), por evidenciar, ainda que minimamente, uma descrição mais acurada sobre o fenômeno supracitado, contribuindo para a constituição do campo teórico pesquisado – Descrição Linguística; e c) ao pesquisador, por discutir um aspecto de língua materna perceptível em diversas interações e situações sociocomunicativas.

Pode-se mencionar, por fim, que a organização deste trabalho dar-se-á por tópicos e subtópicos. Assim, tem-se: Pressupostos Teóricos, contendo discussões sobre palavras lexicais, nomes e verbos, além de palavras gramaticais, focalizando elementos determinantes e elementos relacionais; Categoria Preposição em Perspectivas Semântica e Morfossintática (subdivisão de preposições com traço mais lexical e preposições com traço mais funcional); Procedimentos Metodológicos, evidenciando a sistemática de coleta dos dados, a caracterização da pesquisa, a aplicação do método de abordagem e a forma de organização dos dados oriundos de mídia e dos dados oriundos de outras fontes, bem como sua análise; e Conclusões.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: PALAVRAS LEXICAIS E GRAMATICAIS

Esta seção apresenta alguns conceitos utilizados para a investigação científica em pauta. Assim, serão discutidas definições dos termos centrais adotados no estudo: Palavras Lexicais, considerando-se o enquadramento nessas de N e V; Palavras Gramaticais, levando-se em conta elementos determinantes (artigos e pronomes) e elementos relacionais (conjunções).

2.1 PALAVRAS LEXICAIS

Antes do desenvolvimento desse subtópico, é válido distinguir *vocábulo* e *palavra*, termos os quais, recorrentemente, são compreendidos como sinônimos, mas que, deveras, não o são, haja vista diferenças significativas entre eles.

É sabido que *palavra* é definida, geralmente, pela linguística tradicional como o elemento linguístico composto por um ou mais fonemas, sendo suscetível a uma transcrição escrita ideográfica, silabária ou alfabética, segundo Dubois *et al* (1999, p. 449). Esses mesmos autores e Silva (2016, p. 18-19) também assinalam as diversas querelas, na linguística estrutural e gramática tradicional, no atinente à definição de *palavra*, visto que não é precisa (1), não é muito útil (2) e não é homogênea (3). Todavia, pontua-se que *palavra*, para a estatística léxica, é a “unidade de texto inscrita entre dois [espaços] brancos gráficos” (DUBOIS *et al*, 1999, p. 450).

Ainda nessa linha, Arnauld e Lancelot (2001, p. 29) apresentam uma definição mais filosófica sobre *palavras* como sendo sons distintos os quais possuem uma articulação entre si, transmutados em signos, objetivando a significação dos pensamentos do homem. Os autores ainda evidenciam que

É por isso que não se pode compreender bem os diversos tipos de significação que as palavras contêm, se antes não se tiver compreendido o que se passa em nossos pensamentos, pois as palavras foram inventadas exatamente para dá-los a conhecer. (ARNAULD; LANCELOT, 2001, p. 29)

Em relação a *vocábulo*, diz-se que esse “[...] representa uma unidade particular emitida considerada em referência ao léxico.” (DUBOIS *et al*, 1999, p. 614). Entenda-se léxico, de acordo com Raposo (1992), como

[...] componente do modelo gramatical onde se encontram as informações de natureza fonológica, sintáctica e semântica sobre os itens lexicais individuais. Podemos dizer

que o léxico é o dicionário da gramática: as regras desta manipulam os itens lexicais, fazendo um uso crucial da informação aí contida. O léxico é assim uma parte central de qualquer teoria gramatical. (RAPOSO, 1992, p. 89)

Supramencionou-se, em linhas anteriores, que *vocábulo* possui uma significação particular, sendo, portanto, independente. *Grosso modo*, pode-se ratificar: todo vocábulo é uma palavra, apesar de nem toda palavra ser um vocábulo. Nessa ótica, ainda sobre *palavra*, sabe-se de sua possibilidade de classificação em duas categorias, sendo Palavras Lexicais (PL) e Palavras Gramaticais (PG), conforme pontua Silva (2021).

Acerca de PL, Câmara Jr. (2011) sinaliza que

Os morfemas, que na primeira articulação são os constituintes últimos de um vocábulo, podem ser de duas naturezas: Uma, ‘lexical’, associa o morfema com uma coisa do mundo biossocial que nos envolve e recebe expressão na língua. Os morfemas *estrel-*, de *estrela*, e *com-*, de *comer*, são ‘morfemas lexicais’, que constituem o cerne do vocábulo. (CÂMARA JR., 2011, p. 23-24, grifo do autor)

Outrossim, de acordo com o exposto, evidencia-se que morfemas lexicais – e mais precisamente PL – são entendidos como aqueles dotados de carga semântica fora da estrutura linguística como, por exemplo, N – substantivos e adjetivos – e V. Além disso, Câmara Jr. (2011, p. 24, grifo do autor) ressalta que “[...] usamos em português um morfema lexical próprio em *criança*, para designar um ser humano na sua primeira fase de crescimento. Outro morfema lexical em *homem* significa o ser humano já plenamente desenvolvido.” Desse modo, é notável que tanto o vocábulo “criança” quanto “homem” possuem um traço Mais Lexical (+L), sendo interpretáveis, portanto, em contextos específicos ou isoladamente no mundo extralinguístico.

Em mesma perspectiva, Carvalho (1999) aponta que PL ou palavras plenas são o léxico propriamente dito, além de estarem em constante processo de mudança, haja vista possuírem como função primaz nomear a realidade extralinguística. Dessa maneira, pode-se dizer que “[...] substantivos, adjetivos, verbos, advérbios de modo e alguns pronomes que têm forte conteúdo temático (de significado)” (CARVALHO, 1999, p. 14) são enquadrados no âmbito de PL.

Objetivando tornar mais elucidativas PL (N e V), ver-se-ão, no próximo subtópico, algumas de suas especificidades e propriedades.

2.1.1 Nomes e Verbos

Inicialmente, torna-se importante salientar que na categoria N estão inseridos substantivos e adjetivos. Arnauld e Lancelot (2001), já no XVI, apresentaram uma diferença

basilar entre as coisas e as substâncias, e o modo das coisas ou dos acidentes. Para esses filósofos da linguagem, “as substâncias subsistem por elas mesmas, enquanto os acidentes só existem pelas substâncias.” (ARNAULD; LANCELOT, 2001, p. 32). Tem-se, desse modo, que substâncias estão para Nomes Substantivos (NS) e acidentes – designando o sujeito no sentido de tudo aquilo que é subjugado a nomes – estão para Nomes Adjetivos (NAdj).

Os autores tecem críticas em relação à maneira como NS e NAdj foram tratados, ratificando que isso ocorreu

[...] superficialmente; e acontece que se deu menos atenção à significação que à maneira de significar. Já que a substância é aquilo que subsiste por si mesmo, chamaram-se nome substantivo todos aqueles que subsistem por si mesmos no discurso, sem que tenham necessidade de um outro nome, ainda que signifiquem acidentes. E, ao contrário, foram chamados adjetivos mesmo aqueles que significam substâncias, quando por sua maneira de significar devem estar junto a outros nomes no discurso. (ARNAULD; LANCELOT, 2001, p. 32-33)

Em perspectiva teórica semelhante, Câmara Jr. (2011, p. 87) ressalta que a categoria N em português se divide, do ponto de vista funcional, em NS e NAdj, não havendo distinção significativa de forma nessa subdivisão. No entanto, sinaliza-se que, de acordo com o contexto, N irão funcionar como elemento mais determinado – NS – ou como mais determinante – NAdj. Ora, o linguista – para melhor explicitar tal assertiva – apresenta o exemplo:

[...] um *marinheiro brasileiro* é um marinheiro (substantivo) que é de nacionalidade brasileira (sua qualificação expressa por um adjetivo), da mesma sorte que um *brasileiro marinheiro* logo se entende como um brasileiro (substantivo) que adotou a profissão da marinha (qualificação adjetiva). (CÂMARA JR., 2011, p. 87, grifo do autor)

Não obstante diferenças quanto à maneira de explicitar N pelos teóricos em questão, percebe-se o liame desses em conceberem a categoria em pauta como NS e NAdj, devendo ser observada a funcionalidade nos mais diversos contextos em que esses elementos aparecem. Ademais, a sistematização proposta por Raposo (1992) pode ser, laconicamente, apresentada no que tange à composição interna das categorias lexicais. Dessa maneira, Raposo (1992, p. 69) patenteia a categoria lexical Adjetivo (Adj) como resultante da combinação dos traços [+V, +N]; a categoria V proveniente dos traços [+V, -N]; a categoria N formada dos traços [-V, +N]; e, por fim, a categoria Preposição (P), engendrada dos traços [-V, -N]. Eis a sistematização:

Quadro 1 – Composição interna das Categorias Lexicais

COMPOSIÇÃO INTERNA DAS CATEGORIAS LEXICAIS	
CATEGORIAS	COMBINAÇÃO DOS TRAÇOS
Adj	[+V, +N]
V	[+V, -N]
N	[-V, +N]
P	[-V, -N]

Fonte: elaborado pelo autor (2022) baseado em Raposo (1992, p. 69).

Isto posto, far-se-á, nas próximas linhas, um breve apanhado sobre a categoria V enquanto item lexical.

É de conhecimento geral que a categoria V engendra, hodiernamente, inúmeras discussões dada a sua extensão. *A priori*, salienta-se que, para Arnauld e Lancelot (2001, p. 81), V são palavras que significam a maneira dos pensamentos – assim como as conjunções e as interjeições – e os julgamentos que são feitos das coisas do mundo. Os referidos autores ressaltam, ainda, V como

[...] uma palavra cujo principal emprego é significar a afirmação, isto é, indicar que o discurso, em que essa palavra é empregada, é o discurso de um homem que não concebe somente as coisas, mas que as julga e as afirma. Nisso o verbo se distingue de alguns nomes, que também indicam afirmação, como *affirmanis*, *affirmatio* ('afirmante', 'afirmação'), pois que eles não a significam senão na medida em que, por uma reflexão do espírito, ela se tornou o objeto de nosso pensamento, e assim não indicam de fato que o usuário dessas palavras afirma, mas apenas que ele concebe uma afirmação. (ARNAULD; LANCELOT, 2001, p. 81-82, grifo dos autores)

Em contraposição a isso, Arnauld e Lancelot (2001) pontuam que nem sempre os julgamentos dos seres humanos são afirmativos, havendo também os negativos. Dessa maneira, os estudiosos sinalizam:

É preciso observar que, embora nem todos os nossos julgamentos sejam afirmativos, havendo também os negativos, os verbos, contudo, por si mesmos não expressam senão afirmações, sendo as negações indicadas pelas partículas *non*, *ne* ou por nomes que as contêm: *nullus*, *nemo* ('nenhum', 'ninguém'); juntando-se aos verbos, mudam a afirmação em negação: *Homem algum é imortal. Nullum corpus est indivisibile* ('corpo algum é indivisível'). (ARNAULD; LANCELOT, 2001, p. 87, grifo dos autores)

Afastando-se de discussões mais filosóficas, Perini (2005) apresenta que as definições de V difundidas por alguns autores em compêndios gramaticais – como Cunha e Cintra (1985), por exemplo – são pouco consistentes, visto que V não é, apenas, uma palavra que indica ação ou “[...] uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo.” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 367 *apud* PERINI, 2005, p. 320). Perini

(2005, p. 320) patenteia que, no PB, algumas palavras como *correr*, *corria* e *corrida* exprimem ações, mas nem todas são V. Em (3), tem-se:

(3) A corrida terminou agora há pouco⁴.

Nesse contexto, embora o NS “corrida” expresse uma ação em um dado tempo, não é e nem pode ser classificado como V, haja vista não possuir traços de tempo, modo ou pessoa. Em acréscimo, nessa ótica, Perini (2005, p. 320) evidencia que a noção corrente de V deve ser formal e não semântica⁵, como muito se tem feito em gramáticas normativas/prescritivas. Desse modo, os traços que devem ser observados para a identificação de V são morfossintáticos, baseando-se, mais especificamente, em traços morfológicos de variação em número, pessoa e tempo.

Perini (2005, p. 320) propõe, por fim, uma definição mais consistente de V como “[...] palavra que pertence a um lexema⁶ cujos membros se opõem quanto a número, pessoa e tempo.”

Destarte, o mesmo autor diz:

Ao considerarem uma palavra como *respondessem*, comparam-na com outros membros de seu lexema (seu paradigma) e verificam que estes se opõem quanto a pessoa: *respondesse/respondessem/respondêssemos*; quanto a tempo: *respondessem/respondam/respondem/responderão*, e quanto a número: *respondessem/respondesse*. Nisso é que nos baseamos para reconhecer os verbos – não em suas propriedades de exprimir acontecimentos representados no tempo; nem, para citar outra definição comum, em suas propriedades de exprimir ações, estados ou fenômenos. (PERINI, 2005, p. 320, grifo do autor)

Percebe-se, através do exposto, a clara oposição entre as palavras *respondesse/respondessem*, *respondem/responderão*, no que tange à variação de número, pessoa e tempo. Em suma, o linguista denota que a descrição gramatical do comportamento de V pode ser simples e baseada, pelo menos, nos critérios: a) verbos são palavras que variam em pessoa, tempo e número; e b) verbos podem desempenhar a função de núcleo do Predicado. (PERINI, 2005, p. 321)

A *posteriori*, em semelhante perspectiva teórica, Câmara Jr. (2011) aproxima-se da sistematização proposta por Perini (2005) ao explicitar que

[...] as noções gramaticais do verbo em português abrangem os dois morfemas flexionais do tempo e modo, de um lado, e, de outro lado, de pessoa e número.

⁴ Dado de intuição.

⁵ Para maior aprofundamento, ver Kenedy e Othero (2018, p. 92) que discutem a problemática de explicações e definições semânticas para fenômenos e/ou termos da (morfo)ssintaxe.

⁶ “[...] conjunto de palavras que se distinguem através de flexão; assim, *corro*, *correr*, *corríamos* fazem parte de um lexema; *casa*, *casas* fazem parte de outro. Mas *casa* e *casebre* não fazem parte do mesmo lexema, porque se distinguem por derivação, e não por flexão.” (PERINI, 2005, p. 320, grifo do autor)

Também vimos que o segundo deles não é propriamente verbal, pois serve para assinalar, apenas na forma verbal, a pessoa pronominal do sujeito, entendido como o ser de que parte o processo verbal. (CÂMARA JR., 2011, p. 97)

Findado esse subtópico, ficou clara a explicitação de N e V enquanto categorias lexicais e suas diferenças de outras categorias, constituindo, assim, PL. Exposto esse breve apanhado teórico sobre PL, serão tecidas considerações mais pontuais, no próximo subtópico, sobre PG, área de estudo e interesse do presente trabalho, visto que o liame de PG – analisadas, nessa pesquisa, preposições e artigos – vai implicar diretamente nos efeitos de sentido posse ou referência e ação decorrida no que tange a ocorrências de contração ou não contração.

2.2 PALAVRAS GRAMATICAIS

Conforme pontuado nos subtópicos 2.1 e 2.1.1, PL – ou morfemas lexicais – são concebidas como aquelas que possuem carga semântica fora da estrutura linguística (extralinguisticamente) como, por exemplo, NS e NAdj, além de V. Em contraposição à PL, tem-se PG, isto é, aquelas com significação apenas no uso da estrutura linguística (linguisticamente), não contendo, portanto, carga semântica própria.

Câmara Jr. (2011) aponta que morfemas gramaticais ou PG são aqueles que

[...] entram na configuração formal da gramática da língua, como *-a*, da classe nominal de *estrela*, ou *-e*, indicativo da 2ª conjugação de *comer* em português uma forma verbal determinada, dita ‘infinitivo’, a qual só se emprega em condições específicas dentro da sentença. (CÂMARA JR., 2011, p. 24, grifo do autor)

Dito de outro modo, PG precisam estar associadas a outras a fim de possuírem sentido na estrutura da língua, haja vista serem dotadas apenas de sentido abstrato e funcional. No mesmo sentido, Carvalho (1999, p. 14) acerca de PG – ou palavras vazias como assim são chamadas – afirma que são aquelas as quais só possuem função dentro da língua estudada. Tem-se como exemplo a palavra *que* a qual – distante de seu contexto funcional – não significa nada, pois não estabelece relação alguma, diferentemente da palavra “bonito” a qual evoca um significado presente no cotidiano (belo, lindo, por exemplo).

Em acréscimo, Câmara Jr. (2011) apresenta três funções dos morfemas gramaticais. Elas:

1) indicam classificações formais, meramente, como as vogais temáticas das conjugações ou as classes nominais em *-a*, *-o* e *-e*; 2) estabelecem as relações dos vocábulos dentro da sentença, como em latim o ‘nominativo’ assinala o sujeito do

verbo e o ‘acusativo’ o seu ‘objeto direto’; 3) marcam, pela sua posição entre si ou pela sua presença em face da sua ausência, as relações que a língua estabelece entre coisas diversas, vistas como relacionadas na ideia que delas fazemos (ou, antes, a nossa língua materna faz). (CÂMARA JR., 2011, p. 25, grifo do autor)

Sistematizando, tem-se que os morfemas gramaticais (formadores de PG) e os morfemas lexicais (formadores de PL) são, extremamente, importantes para a composição de língua materna. Os primeiros são considerados sistemas mais ou menos fechados, criando, assim, a gramática de uma língua; os segundos, no entanto, constituem uma série aberta, que, no núcleo dos vocábulos, ou conjuntos léxicos, se alinham nos dicionários (CÂMARA JR., 2011, p. 25).

No próximo subtópico, serão evidenciadas considerações no que tange aos elementos determinantes pronomes e artigos, tendo em vista que o fenômeno da contração de construções prepositivas pode manifestar-se tanto com pronomes (não sendo esse o foco de análise) quanto com artigos (foco de análise desse estudo).

2.2.1 Elementos Determinantes

Arnauld e Lancelot (2001, p. 54) afirmam que os homens foram obrigados a falarem diversas vezes sobre as mesmas coisas e, para substituir N no discurso, inventaram os pronomes. Contrapondo-se à proposição de Arnauld e Lancelot (2001), Kenedy e Othero (2018) discutem sobre a afirmação cristalizada pela gramática normativa de que “pronomes substituem nomes”. Para Kenedy e Othero (2018, p. 19), a regra da gramática tradicional é falha por justamente ignorar que as frases de uma língua (unidades máximas da sintaxe) não são estruturadas diretamente por palavras (unidades mínimas), mas, sim, por constituintes sintáticos, os sintagmas (unidades intermediárias).

Nessa ótica, contrariando o que muitos gramáticos ratificam em suas gramáticas de cunho prescritivo, pode-se mencionar que pronomes não substituem N. Observe-se, por exemplo, as construções (4a) e (4b):

(4a) As *amigas* de Fernanda andam com João⁷.

Com essa sentença, não se pode ter a construção

(4b) *⁸As *elas* de Fernanda andam com João⁹,

haja vista ser uma sentença mal formada em língua materna, portanto, agramatical. Assim, pode-se dizer que “[...] pronomes podem substituir sintagmas de valor nominal, isto é,

⁷ Dado de intuição.

⁸ Sinal indicador de construção agramatical em LM, neste caso, no PB.

⁹ Dado de intuição.

sintagmas cujo núcleo é um nome substantivo, os sintagmas nominais”, em consonância aos escritos de Kenedy e Othero (2018, p. 20).

Outro problema no concernente aos pronomes é sua classificação valendo-se de critérios semânticos¹⁰. Perini (2005, p. 331) propõe uma sistemática no tocante à classificação sintática dos pronomes. O linguista argumenta que “a classe tradicional dos ‘pronomes’ terá de desaparecer, pois se compõe na verdade de vários grupos, de comportamento sintático muito diverso.” O quadro 2 sintetiza a classificação que Perini (2005) propõe para os itens tradicionalmente chamados “pronomes”:

Quadro 2 – Classificação dos itens tradicionalmente chamados “Pronomes”

Classificação dos itens tradicionalmente chamados “pronomes”
Substantivos 1: <i>eu, nós, ele, isto.</i>
Substantivos 2: <i>alguém, tudo, algo.</i>
Relativos: <i>que, o qual, quem.</i>
[+PDet]: <i>todos, ambos.</i>
[+Det]: <i>o, um, este, esse, aquele, alguns.</i>
[+Poss]: <i>meu, seu, nosso.</i>
[+Qf]: <i>muitos, vários, único, terceiro.</i>
[+Num]: <i>outro, dois.</i>

Fonte: extraído de Perini (2005, p. 333).

Antes de discutir sobre a classe artigos, é pertinente salientar que o presente trabalho de pesquisa não possui o objetivo de dissecar ou tecer comentários delongados sobre a classificação proposta por Perini (2005) e apresentada no quadro 2. Ainda que o fenômeno da contração possa se dar, também, com pronomes, não se constitui foco de análise para esse estudo. Pretende-se, nessa ótica, apresentar essa proposta como uma possibilidade para a classificação dos itens mencionados.

Em relação ao elemento determinante Artigo – uma das classes de interesse dessa investigação científica, haja vista o foco de análise do estudo deter-se à contração de preposições com artigos –, sabe-se que tal elemento pode manifestar-se nas modalidades oral e escrita. Na modalidade oral, nem sempre será perceptível sua utilização, conquanto na

¹⁰ Relembre-se aqui, também, a nota de rodapé 5 a qual dialoga com tal proposição.

modalidade escrita “[...] vai implicar a produção de sentidos os mais variados, com sua presença ou omissão.” (BACCEGA, 1989, p. 8).

Baccega (1989, p. 13) apresenta uma concepção comum sobre artigos. Assim, a autora ratifica: “É senso comum para os escolarizados, ainda que em grau diferenciado, que o artigo é uma ‘palavrinha’ que se coloca diante do substantivo [...]”. A fim de conhecer melhor as propriedades dessa classe e suas implicações para efeitos de sentido em sentenças, algumas considerações podem ser patenteadas.

A primeira delas refere-se à origem de artigos. Com efeito, Arnauld e Lancelot (2001) aduzem uma breve contextualização sobre a inserção desses elementos como partículas artificiais na língua. Segundo eles,

A significação vaga dos nomes comuns e apelativos, de que falamos acima, no Capítulo IV, forçou não só a colocá-los em dois tipos de número, singular e plural, para determiná-la, mas que, em quase todas as línguas, se inventassem certas partículas, denominadas *artigos*, que lhes determinassem a significação de outra maneira, tanto no singular como no plural. (ARNAULD; LANCELOT, 2001, p. 49, grifo dos autores)

Os autores evidenciam a função de artigos como sendo “[...] a de determinar e individualizar o nome comum ou apelativo, do qual é prepositivo, além de substantivar os adjetivos, como *o verdadeiro*, *o justo*, *o belo* etc., que se tornam substantivos por meio do artigo.” (ARNAULD; LANCELOT, 2001, p. 182-183, grifo dos autores). Em consonância a isso, Baccega (1989, p. 15, grifo da autora) pontua que artigos conseguem sinalizar a função substantiva de qualquer palavra, seja do próprio NS – *o menino* – ou NAdj – *o belo* – ou pertença a qualquer outra classificação gramatical.

Em mesma perspectiva, Baccega (1989) apresenta que a função substantivadora do artigo não lhe é exclusiva em língua materna. Observe-se o excerto:

Evidentemente a função substantivadora do artigo é importante para sua conceituação, embora tal função não lhe seja exclusiva em nossa língua: a língua conhece outros expedientes para substantivar, como em ‘Errar é humano, perdoar é divino’ ou ‘Recordar é viver’; em que *errar*, *perdoar*, *recordar* e *viver* aparecem substantivados, sem necessidade da explicitação do artigo. (BACCEGA, 1989, p. 15, grifo da autora)

Por conseguinte, destaca-se: não só artigos possuem essa função, ou seja, a de determinar as coisas no mundo; números cardinais e adjetivos possessivos também atuam, a depender do contexto no qual são alocados, como determinadores de um objeto. Outrossim, os

números cardinais, os adjetivos possessivos, tudo, enfim, que determine suficientemente um objeto pode possuir a função mencionada (ARNAULD; LANCELOT, 2001, p. 18).

Em harmonia a essas proposições, Azeredo (2013, p. 180) apresenta esclarecimentos sobre artigos, além da função dessa categoria no discurso. Para o autor,

Chama-se **artigo** a palavra gramatical variável em gênero e número que, no texto, se antepõe ao substantivo quando o enunciador se refere a uma entidade determinada, já conhecida do interlocutor. O artigo tem, por isso, uma função remissiva no discurso: o referente do substantivo determinado pelo artigo ocupa necessariamente um lugar na memória do interlocutor. O artigo apresenta-se sob quatro formas textuais, segundo o gênero e o número do substantivo que ele determina: **o** anel / **a** aliança / **os** anéis / **as** alianças. (AZEREDO, 2013, p. 180, grifo do autor)

Parece ser consenso entre pesquisadores/as o fato de artigos serem palavras que se antepõem aos substantivos, indicando número e gênero, bem como apresentando, algumas vezes, variações nos traços +Gênero e +Número. Observe-se, no quadro 3, por exemplo, o comparativo de conceitos para artigo:

Quadro 3 – Comparativo de conceitos para Artigo

CONCEITO	FONTE
“A gramática tradicional considera o artigo como uma parte da oração que, além de determinar o nome, também expressa seu <i>gênero e número</i> .”	(BACCEGA, 1989, p. 22, grifo da autora)
“Assim, o artigo, que, como partícula pronominal adjetiva, tem uma função significativa bem definida, como veremos ao tratar do pronome, tem a mais a função de marcar, explícita ou implicitamente, o gênero dos nomes substantivos.”	(CÂMARA JR., 2011, p. 91)
“O artigo é um marcador pré-nominal, átono, associado necessariamente ao substantivo, com o qual constitui um vocábulo fonético.”	(CASTILHO, 2014, p. 489)
“Artigo é uma palavra que antepomos aos substantivos para dar aos seres um sentido determinado ou indeterminado. Indica, ao mesmo tempo, o gênero e o número dos substantivos.”	(CEGALLA, 2008, p. 157)
“O artigo é um signo que exige a presença de outro (ou outros) com o qual se associa em sintagma: um signo dependente. Por outra parte, pertence ao tipo de signos que se agrupam em paradigmas ou inventários limitados, fechados: os signos morfológicos, cujos conteúdos – os morfemas – constituem o sistema gramatical, em oposição aos signos léxicos, caracterizados por constituírem inventários abertos, ilimitados.”	(CUNHA; CINTRA, 2016, p. 220)
“O artigo é uma partícula que precede o substantivo, assim à maneira de ‘marca’ dessa classe gramatical. Em razão disso, qualquer palavra, expressão, ou frase, fica substantivada se o trouxer antes de si. Em certos casos, serve para assinalar o gênero e o número do substantivo.”	(LIMA, 2021, p. 139)

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

É importante destacar, a partir do quadro 2, que as seis conceituações apresentadas podem ser associadas por pares. Nessa perspectiva, Baccega (1989) e Cegalla (2008) aproximam-se ao explicitar que artigos, além de determinar N, também expressam seu gênero e número. Essa proposição parece um tanto incipiente, pois a marcação de gênero e número já é dada na função de determinação, sendo essa última sua função primaz. Além disso, tem-se as conceituações de Câmara Jr. (2011) e Castilho (2014) as quais convergem ao evidenciarem artigos como marcadores pré-nominais. Depois, Cunha e Cintra (2016) e Lima (2021) aproximam-se ao apresentar, ainda, a relação de artigos, enquanto signos, a elementos posteriores a eles na sentença, bem como o fato de qualquer palavra ou expressão ficar substantivada se o trouxer antes de si.

Destarte, baseando-se nas definições do quadro, depreende-se a distinção já apresentada entre as classes N e artigos, na qual a primeira possui um traço +L, enquanto a segunda detém um traço Mais Gramatical (+G), com referência no mundo extralinguístico e sem referência nesse mundo, respectivamente.

Tendo ciência de sua origem e funções, *a priori*, cabe sinalizar que em PB, por exemplo, não se podem criar facilmente novos itens determinantes para o discurso – conforme visto, também, em Cunha e Cintra (2016, p. 220), no quadro 3 – como criam-se novos V, esses detentores de um traço +L. Desse modo, a classe de artigos está inserida em uma categoria Mais Funcional (+F) – classe fechada – o que não permite o engendramento de novos itens. (MIOTO; SILVA; LOPES, 2018, p. 137)

Além disso, destaca-se a divisão de artigos em duas categorias: artigo definido e artigo indefinido. Nessa ótica, é apregoado pela gramática normativa que artigo definido é utilizado quando os participantes de determinada situação comunicativa, isto é, enunciador e interlocutor, sabem e/ou conhecem o que está sendo enunciado ou sobre quem está sendo falado. Nesse sentido, Bechara (2019) evidencia que

o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte – quer através do discurso (que dele faz menção), quer pela ‘dêixis’ (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos. (BECHARA, 2019, p. 169)

Seguindo essa mesma concepção, Lima (2021, p. 140) afirma que artigo definido é aquele o qual “[...] se junta ao substantivo para indicar que se trata de um ser claramente determinado entre outros da mesma espécie – que o ouvinte ou o leitor já sabem quem é, pelas

circunstâncias que cercam a enunciação da frase.” Ainda sobre artigo definido, Bechara (2019, p. 168, grifo do autor) ratifica: “Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente *artigo o, a, os, as* que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.”

Exemplificando, tem-se as construções (5) e (6):

(5) *O* Elias não virá à aula hoje¹¹ e

(6) *A* Maria não falou com *o* João sobre o noivado¹².

Desse modo, parte-se do pressuposto de que, em (5) e (6), os interlocutores conhecem e são familiarizados com os sujeitos Elias, Maria e João, evidenciando, nas situações apresentadas, a ação de cada um. Não obstante tal uso, ou seja, da determinação de nomes próprios, Bechara (2019, p. 170) aponta que o uso de artigos com nomes próprios de pessoas pode, facilmente, ser dispensado. Sobre a asserção dada por Bechara (2019), Said Ali *apud* Baccega (1989) patenteia explicações sobre a (não) admissão de artigos atrelados a nomes próprios de pessoas:

Em princípio, os nomes próprios de pessoas não levam artigo, porque aquele a quem falo em geral não conhece, uma por uma, as pessoas que eu conheço. Seguem esta regra a linguagem literária e o falar culto; alguns autores, todavia abrem às vezes exceção para nomes de indivíduos de que já tinham feito menção anteriormente. Na linguagem da intimidade, e no falar do povo, antepõe-se com frequência o artigo a nomes de pessoas conhecidas daqueles com quem conversamos. (SAID ALI *apud* BACCEGA, 1989, p. 20)

Feito esse breve apanhado sobre artigos – e mais precisamente sobre artigo definido –, far-se-ão alguns comentários concernentes a artigos indefinidos. Com efeito, Castilho (2014, p. 489) afirma, no referente a artigo indefinido, que seu aparecimento aconteceu por volta do século XIX¹³, aparentemente por algum critério semântico, visto que, até o século mencionado, as primeiras gramáticas portuguesas registravam somente as formas definidas *o, a, os, as* – estas últimas já dissecadas.

Em acréscimo, Lima (2021, p. 140), sobre artigo indefinido, ratifica que é utilizado “para mencionar um ser qualquer entre outros da mesma espécie – que não individualizo, nem o ouvinte ou o leitor saberão precisar quem seja.”

¹¹ Dado de intuição.

¹² Dado de intuição.

¹³ Embora essa proposição pareça um tanto equivocada, visto que Arnauld e Lancelot (2001) já discutiam acerca de artigos indefinidos por volta de 1660, século 17, na *Grammaire générale et raisonnée*.

Bechara (2019), acerca disso, ainda apresenta:

A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo [definido] de *um, uns, uma*, chamados *artigos indefinidos*, que se assemelham a *o, a, os, as* pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento no discurso, valor semântico e papéis gramaticais. (BECHARA, 2019, p. 168, grifo do autor)

Já Baccega (1989) patenteia uma concepção mais trivial sobre artigos indefinidos:

A conceituação mais divulgada diz que o artigo indefinido confere uma ideia vaga, imprecisa ao ser a que se refere. A propriedade de indeterminação tem sido colocada como o traço essencial desse artigo. Mas ele pode ser empregado também exatamente para precisar mais um significado. (BACCEGA, 1989, p. 26)

Essa precisão de significado pode ser visualizada em:

(7) O vento, *um* vento intenso passava pelos cabelos da moça.¹⁴

Além das funções de artigos indefinidos amplamente difundidas, Baccega (1989, p. 26) acresce-lhe mais uma: a função apresentadora. Essa função “[...] carrega em si uma margem de indeterminação, já que é a primeira vez que o texto alude ao ser.” Desse modo, realizada a apresentação do “ser” no texto, a partir de artigos indefinidos, passa-se a utilizar artigos definidos. A fim de ilustrar tal proposição, Baccega (1989) apresenta um excerto da obra *A disciplina do amor*, de Lygia Fagundes Telles:

Foi na França, durante a segunda grande guerra: *um jovem* tinha *um cachorro* que todos os dias, pontualmente, ia esperá-lo voltar do trabalho. Postava-se na esquina, um pouco das seis da tarde. Assim que via o dono, ia correndo ao seu encontro e, na maior alegria, acompanhava-o com seu passinho saltitante de volta a casa. A vila inteira já conhecia *o cachorro* e as pessoas que passavam faziam-lhe festinhas e ele correspondia, chegava a correr todo animado atrás dos mais íntimos. Para logo voltar atento ao seu posto e ali ficar sentado até o momento em que seu dono apontava lá longe. Mas eu avisei que o tempo era de guerra, *o jovem* foi convocado. Pensa que *o cachorro* deixou de esperá-lo? [...] Com o passar dos anos (a memória dos homens!) as pessoas foram se esquecendo *do jovem* soldado que não voltou. Casou-se a noiva com um primo. Os familiares voltaram-se para outros familiares. Os amigos, para outros amigos. Só *o cachorro* já velhíssimo (era jovem quando *o jovem* partiu) continuou a esperá-lo na sua esquina. As pessoas estranhavam, mas quem *esse cachorro* está esperando? [...] Uma tarde (era inverno) ele lá ficou, o focinho voltado para *aquela* [nesta palavra, grifo do original] direção. (BACCEGA, 1989, p. 27, grifo da autora)

¹⁴ Dado de intuição.

Nessa ótica, verifica-se a apresentação das personagens “*um jovem*” e “*um cachorro*”. *A priori*, elas são indeterminadas, haja vista o leitor ainda não ter ciência de que *jovem* e de que *cachorro* o texto falará (BACCEGA, 1989, p. 27). Uma vez colocados em contato direto com o leitor, o significado restringe-se. Não se trata mais de *qualquer jovem* ou *qualquer cachorro*, todavia *do jovem* e *do cachorro* de modo individualizado, caracterizados e únicos, a partir do emprego de artigo definido. Dessa maneira, sistematizando, tem-se que “[...] o artigo indefinido serve para apresentar o ser ao leitor. Uma vez apresentado, o autor passa a usar o artigo definido.” (BACCEGA, 1989, p. 28).

Coadunando-se com Baccega (1989), Neves (2018, p. 449) ratifica que artigo indefinido “[...] é muito usado para introduzir um referente que mais adiante vem retomado no texto por uma palavra referencial (anáfora)”, apresentando uma pessoa ou coisa como elemento de uma classe, sem particularizá-la. Além disso, os escritos de Neves (2018) ressaltam a importância de marcar que artigos definidos e indefinidos ocorrem antes de NS, mas não necessariamente contíguos a ele. Em outras palavras, isso pode ser visualizado em (8) e (9):

(8) *O* lindo menino esteve aqui¹⁵ e

(9) *Uma* terrível batalha aconteceu nessa noite¹⁶.

Tanto em (8) quanto em (9), houve a anteposição do NAdj sobre o NS¹⁷, evidenciando a assertiva anterior de não contiguidade de artigo definido e artigo indefinido ao NS. Contudo, isso em nada prejudica a estrutura das construções; há, sim, uma mudança nos efeitos de sentido com essa nova configuração estrutural, não sendo necessária sua apresentação para esse estudo. Por fim, encerrando a discussão sobre artigos, ressalta-se a distinção útil no que tange a artigos definidos e indefinidos proposta por Neves (2018). A autora sinaliza:

Enquanto o artigo definido é encontrado em um sintagma nominal no qual a referência é tida como identificada, o ARTIGO INDEFINIDO é encontrado em um sintagma nominal no qual o referente não é identificado pelo ouvinte (podendo ele ser identificado, ou não, pelo falante). (NEVES, 2018, p. 456, grifo da autora)

Nesse subtópico foram explicitadas considerações sobre os elementos determinantes pronomes e artigos, focalizando esse último por, justamente, ser objeto de estudo atrelado a preposições nesse estudo. Nos subtópicos e tópicos seguintes, serão tecidas considerações sobre

¹⁵ Dado de intuição.

¹⁶ Dado de intuição.

¹⁷ Para mais esclarecimentos, consultar o material de: LIMA, Renira Lisboa de Moura. *Anteposição do adjetivo em a morte de Lindóia*. Maceió: EDUFAL, 2006.

a classe de palavra conjunção, enquanto elemento relacional, além de uma exposição mais acurada acerca de preposições em perspectivas semântica e morfossintática e suas implicações para a pesquisa em questão.

2.2.2 Elementos Relacionais

Sobre elementos relacionais, Perini (2005, p. 333) ratifica que alguns grupos de palavras apresentam comportamento gramatical peculiar semelhante, podendo ser sistematizados por parâmetros convergentes no PB. Entre esses grupos, apontam-se as classes Conjunção e Preposição – palavras as quais funcionam como elementos de conexão¹⁸ entre constituintes e são, portanto, cunhadas conectivos.¹⁹

É notório – e amplamente difundido pela literatura linguística – que os seres humanos diferem, incisivamente, dos animais por sua capacidade de sistematizar a realidade que lhes cerca, assim como de possuir, em grande escala, ações racionais dentro da sociedade na qual se inserem. Assim, outra propriedade fundamental válida para a distinção apresentada é o fato de os humanos conseguirem engendrar infinitas sentenças por meio da linguagem verbal humana articulada. Acerca dessas proposições, Kenedy e Othero (2018) afirmam:

A principal propriedade da linguagem humana é a sua **produtividade**. Qualquer língua natural, seja aquela de tradição letrada milenar ou a ágrafa de povos caçadores-coletores, é capaz de expressar todos os tipos de conceitos e proposições que tomam forma em nossos pensamentos. Não há limite para o que podemos dizer ou compreender quando dominamos uma língua específica, como o português, a Libras ou o pirahã. É isso o que os linguistas querem significar com o termo ‘produtividade’. Tal propriedade distingue a espécie humana de todo o restante da natureza conhecida, porque os sistemas de comunicação mais complexos encontrados entre os animais cognitivamente mais sofisticados – como macacos vervet e golfinhos – não são produtivos, isto é, tais sistemas de comunicação permitem a veiculação de apenas um número limitado de expressões, como a indicação de perigo ou fonte de alimento. Ocorre que, na verdade, a produtividade é consequência de uma característica mais básica das línguas humanas: a **articulação**. (KENEDY; OTHERO, 2018, p. 88, grifo dos autores)

Em conformidade a Kenedy e Othero (2018), aponta-se que tal articulação entre as orações na composição de períodos acontece por intermédio de elementos relacionais, entre eles as conjunções. Em mesmo direcionamento teórico, Bechara (2019, p. 345) evidencia que

¹⁸ É válido mencionar que conjunções estabelecem uma relação de igualdade, enquanto preposições estabelecem uma relação de hierarquia entre os termos anteriores e posteriores da oração.

¹⁹ Embora a categoria preposição esteja inserida dentro dos elementos relacionais, discutir-se-á sobre ela – e suas especificidades – no tópico seguinte: 3 Categoria Preposição em Perspectivas Semântica e Morfossintática.

a língua “[...] possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado”. Nesse sentido, tais unidades são, frequentemente, chamadas conjunções as quais podem dividir-se em dois grupos: coordenadas e subordinadas. A fim de não tornar extensa a apresentação dessa classe com todas as suas subclassificações (haja vista não ser esse o objetivo do trabalho), serão apresentadas, nas linhas posteriores, outras considerações sobre conjunções.

Duarte *in* Mateus *et al* (2003, p. 559) patenteia diferenças entre conjunções e conectores. Esses últimos são “[...] expressões que têm um âmbito mais geral do que as conjunções. Ocorrem tanto em domínios de coordenação como de subordinação, mantendo o seu papel de explicitar a ligação entre os constituintes envolvidos.” Do ponto de vista formal, diz-se que os conectores se distinguem das conjunções e complementadores pela razão de poderem co-ocorrer com eles (DUARTE *in* MATEUS *et al*, 2003, p. 559). Esta premissa pode ser visualizada em (10):

(10) Está trovejando *e por isso* você tem de levar um guarda-chuva²⁰.

Através de (10), percebe-se a co-ocorrência da conjunção [e] e do conector [por isso] sem prejuízo de sentido à construção, validando a proposição apresentada. Por fim, tecidos esses comentários no atinente ao elemento relacional conjunção, será discutido na próxima seção, com mais afinco, sobre a categoria preposição em perspectivas semântica e morfossintática, seus desdobramentos, além de preposições com traço mais lexical e preposições com traço mais funcional.

²⁰ Construção adaptada a partir dos escritos de Duarte *in* Mateus *et al* (2003, p. 559).

3 CATEGORIA PREPOSIÇÃO EM PERSPECTIVAS SEMÂNTICA E MORFOSSINTÁTICA

Nesta seção, serão abordadas propriedades da categoria preposição, bem como esta categoria em perspectivas semântica e morfossintática, evidenciando sua divisão em Preposições com traço +L e Preposições com traço +F. Além disso, destaca-se que o trabalho de pesquisa concentra-se na categoria supramencionada, prioritariamente, a partir das concepções de Farias (2005), Farias *in* Moura e Farias (2005) e Silva (2019)²¹, haja vista esses autores se interessarem por estudos sob linha morfossintática.

3.1 PROPRIEDADES DA CATEGORIA PREPOSIÇÃO

Sabe-se que outro elemento relacional o qual desperta, hodiernamente, inúmeros interesses de estudos e discussões são preposições. Para tecer uma diferença basilar entre Preposições e Conjunções, Castilho (2014, p. 583) evidencia que “[...] preposições ligam palavras e sentenças apenas por [relação de]²² subordinação, enquanto as conjunções ligam palavras e sentenças por coordenação, subordinação ou correlação.”

Adicionando-se a essa concepção, tem-se, no que diz respeito à significação de preposições, as considerações de Cunha e Cintra (2016, p. 574) os quais afirmam que a maior ou menor intensidade significativa da preposição dependerá do tipo de relação sintática estabelecida com os elementos que a ela se vinculam. Os mesmos autores apregoam que preposições, além de ligarem palavras e sentenças, irão apresentar usos diferentes no discurso, sendo “[...] possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional.” (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 572).

Não é novidade a atribuição de valores não apenas gramaticais às preposições. Assim como Cunha e Cintra (2016) agregam as noções de campo espacial, temporal e nocional a preposições, este trabalho de pesquisa propõe as perspectivas semânticas de posse/não posse, referência e ação decorrida²³. Inicialmente, tem-se a perspectiva semântica de “posse” – para

²¹ Ressalta-se, também, a dificuldade de material bibliográfico disponível sobre a categoria preposição em perspectiva morfossintática.

²² Acréscimo nosso.

²³ As perspectivas semânticas referidas foram engendradas para esse estudo por não terem sido encontradas nos manuais gramaticais e/ou semânticos acessados.

esse estudo – como uma relação de pertencimento entre elementos com traço -Animado e +Animado, isto é, -Humano e +Humano. Para ilustrar essa assertiva, tem-se a sentença:

(11) A casa é **do** Prefeito²⁴.

Nela, visualizam-se a contração [de + o] e os termos [casa] com traço -Animado e [prefeito] com traço +Animado. Nesse sentido, a [casa] em questão não pertence a qualquer pessoa, mas sim – e sintaticamente falando – ao prefeito.

A perspectiva de “referência” pode ser definida como o processo de colocação dos termos anteposto e posposto das sentenças em ponto de referência, relação. Nessa ótica, a construção

(12) “Seria algo parecido com o manual de instruções que contém as etapas da montagem **de um** móvel²⁵”

pode ilustrar a afirmação realizada. Com essa sentença, é notável que não há relação de pertencimento entre os termos anteposto [montagem] e posposto [móvel], tendo em vista que os traços presentes nesses termos são -Animado predominantemente. Há, no entanto, com esse contexto, uma relação de referência entre o que é dito antes e depois através da presença da preposição [de] enquanto elemento relacional.

Já a perspectiva de “ação decorrida” advém da noção de “tempo decorrido”²⁶, sendo definida, portanto, como uma ação em desenvolvimento. Essa perspectiva pode ser perceptível em

(13) Apesar **de o** presidente Jair Bolsonaro (PL) citar no debate neste domingo (16) que um game educacional adotado pelo governo alfabetizaria crianças em seis meses, o MEC (Ministério da Educação) nem sequer tem estudos de eficácia do aplicativo no aprendizado²⁷”.

Em (13), a presença da não contração da locução prepositiva [apesar de] e do artigo definido [o] pressupõe a presença de um elemento verbal mais à direita do elemento relacional [apesar de o], corroborando, assim, a ideia de uma ação em desenvolvimento.

²⁴ Dado de intuição.

²⁵ Extraído do *corpus* de análise e encontrado em IG último segundo – *O que dizer para quem ainda tem dúvidas sobre se vacinar contra a covid-19*.

²⁶ Noção essa já trabalhada em estudos, por exemplo, com usos dos verbos *Ter/Haver*.

²⁷ Extraído do *corpus* de análise e encontrado em *Acessa.com – Ministério da Educação não tem dados sobre eficácia de jogo de alfabetização citado por Bolsonaro*.

Esclarecidas essas perspectivas semânticas, Bechara (2019, p. 321) defende, por exemplo, que cada preposição possui um significado unitário, fundamental ou primário o qual irá se expandir em diversos significados contextuais (sentido) ou em ações particulares, as quais emergem do saber dos seres sobre as coisas a partir de sua experiência de mundo. Esses significados – considerados unitários – são, constantemente, construídos através da situação e do contexto comunicativo no qual os emissores e interlocutores estão inseridos.

Tecidos esses comentários iniciais, pode-se apontar que preposições, de acordo com Farias (2005, p. 214) e Farias *in* Moura (2005, p. 126), não constituem uma classe sintático-semântica homogênea, além de desempenharem papéis distintos a depender do contexto estrutural dado. Desse modo, enfatiza-se que a categoria preposição vai gozar de um papel razoavelmente relevante nas construções na qual é alocada, sendo, muitas vezes, imposta pela palavra que a precede na estrutura. Essa última asserção é encontrada em Azeredo (2013):

Tanto quanto as demais espécies de conectivos, as preposições contribuem de forma mais ou menos relevante para o significado das construções de que participam. Essa maior ou menor relevância está relacionada aos graus de liberdade do enunciador na seleção da preposição. Em muitos casos, a preposição não é escolhida pelo que significa, mas imposta ao usuário da língua pelo contexto sintático; isto é, ela é selecionada pela palavra que a precede, seja um verbo, um substantivo, um adjetivo ou um advérbio. (AZEREDO, 2013, p. 196)

Observe-se, por exemplo, a construção:

(14) Eu estou com vontade *de* cantar²⁸.

Nela, o NS [vontade] seleciona a preposição [de] e esta última, por sua vez, seleciona o complemento [cantar]. Desse modo, a preposição não foi escolhida por seu significado primaz, todavia imposto ao falante de língua materna por intermédio do contexto sintático em questão. Em acréscimo, Bechara (2019, p. 320-321) assinala que na língua tudo “[...] é semântico, isto é, tem um significado, que varia conforme o papel do léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações.”

Mesmo sendo difundida e assegurada por Castilho (2014) a ideia de que a categoria preposição não possui um sentido vazio, em compêndios gramaticais ainda se afirma que preposições são palavras esvaziadas de sentido. A isso, Castilho (2014, p. 583) aponta a dificuldade de identificar o sentido nessa classe. Para Castilho (2014, p. 584), palavras vazias ou “palavras sem sentido seriam ruídos, signos dotados só de significante – enfim, uma

²⁸ Dado de intuição.

aberração”. Contudo, é importante salientar que Castilho (2014) adota – ao defender essa proposição – uma perspectiva muito específica que se enquadra ao nível fonético-fonológico.

Castilho (2014) sinaliza, ainda, que nem sempre falantes de língua materna têm consciência clara de que cada preposição possui um sentido base, de localização espacial ou temporal. No entanto, Brito *in* Mateus *et al* (2003, p. 392) contrapõe-se a essa ideia, tendo em vista que os falantes escolhem preposições e locuções prepositivas pois, enquanto categorias lexicais, selecionam complementos e a esses estão associados valores semânticos.

Isto posto, em alguns compêndios gramaticais normativos (BECHARA, 2019; CEGALLA, 2008; LIMA, 2021) são evidenciadas considerações pouco aprofundadas sobre a referida classe. Os autores de tais compêndios conceituam preposição como um elemento “[...] que liga um termo dependente a um termo principal ou subordinante, estabelecendo entre ambos relações de posse, modo, lugar, causa, fim, etc.” (CEGALLA, 2008, p. 268). Além disso, Lima (2021, p. 231), em semelhante direcionamento teórico, defende a concepção de preposições como “[...] palavras que subordinam um termo da frase a outro – o que vale dizer que tornam o segundo dependente do primeiro.”

Sobre o conceito de preposição, Cunha e Cintra (2016, p. 569) também sinalizam que “Chamam-se **PREPOSIÇÕES** as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (ANTECEDENTE) é explicado ou completado pelo segundo (CONSEQUENTE).” Em consonância a essa perspectiva, Azeredo (2013) expressa uma conceituação semelhante:

Chama-se **preposição** a palavra invariável que precede uma unidade nominal – substantivo, pronome substantivo, infinitivo –, convertendo-a em constituinte de uma unidade maior. Por estar sempre apta a originar construções ou locuções de caráter adjetivo ou adverbial, a preposição é, sobretudo, do ponto de vista sintático, um transpositor. (AZEREDO, 2013, p. 196, grifo do autor)

Levando-se em consideração a preposição como um elemento transpositor – do ponto de vista sintático –, é importante citar que esse trabalho científico adota essa ideia inclusive para a análise dos dados nos subtópicos 4.2.1 e 4.2.2. Em acréscimo, Azeredo (2008) aponta alguns esclarecimentos sobre transpositores. Esse autor define transposição como

[...] o processo pelo qual se formam sintagmas derivados de outras unidades, as quais podem ser sintagmas básicos ou orações. Trata-se de uma mudança categorial realizada por meio de unidades pertencentes a uma lista finita, chamadas transpositores. Graças à transposição obtém-se um número infinito de construções a serviço da expressão dos conteúdos que o ser humano é capaz de comunicar e de compreender. (AZEREDO, 2008, p. 296, grifo do autor)

Desse modo, o processo de transposição é um mecanismo extenso, visto que permite expandir infinitamente os enunciados, valendo-se de um número limitado de meios (nesse contexto, os transpositores) e de um número limitado de relações semânticas fundamentais (AZEREDO, 2008, p. 296). Nessa seara, preposições vão funcionar, portanto, como transpositores quando engendrarem Sintagmas Preposicionais (SP) os quais ocupam o mesmo lugar dos Sintagmas Adjetivais (SAdj).

Ainda sobre a definição de preposição, tem-se a proposta por Bechara (2019):

Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações. (BECHARA, 2019, p. 319)

Haja vista as definições apresentadas, patenteia-se que preposições, de acordo com Bechara (2019, p. 324, grifo do autor), podem ser reunidas em dois grupos: 1) essenciais – palavras que só aparecem na língua como preposição (*a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por [per], sem, sob, sobre, trás*); e 2) acidentais – palavras que, esvaziadas de seu valor e emprego primaz, passaram a atuar como preposições (*durante, como, conforme, feito, exceto, salvo, visto, segundo, mediante, tirante, fora, afora, etc.*).

Além disso, é válido apresentar o que Castilho (2014, p. 587) enfatiza: “Do ponto de vista morfológico, as preposições – sempre invariáveis – podem ser simples, quando formadas por um só vocábulo, e complexas, quando formadas por mais de um vocábulo.” Acrescentando à concepção apresentada, Castilho (2014, p. 583) e Neves (2018, p. 728) defendem que, em nível interno à oração, a ideia de integração e preposições com outros componentes também acontece nos níveis sintático (de construção/ligação de palavras e sentenças), semântico (atribuição ao seu escopo de um sentido geral de localização no espaço), discursivo (acréscimo de informações secundárias ao texto e organização do texto, no caso das construções de tópico preposicionado) e pragmático (de efeito comunicativo).

Dito isso, pode-se tecer alguns comentários sobre locuções prepositivas, construções por meio das quais o fenômeno de contração pode, também, materializar-se, sendo esse tipo de estrutura presente nos dados coletados. Sobre locução prepositiva, Azeredo (2016) conceitua:

Chama-se **locução prepositiva** a combinação estável de palavras que equivale a uma preposição. As locuções prepositivas são finalizadas por preposição e originam sintagmas preposicionais para funções adverbiais ou adjetivas (cf. *Deixei o livro sobre a mesa – Deixei o livro em cima da mesa – viagem pelo sertão – viagem em torno da lua*). (AZEREDO, 2008, p. 197, grifo do autor)

Tendo em vista essa proposição, reitera-se que a esse trabalho de pesquisa interessa – como objeto de estudo – preposições e locuções prepositivas atreladas a artigos definidos e indefinidos; preposições, porque é uma categoria pela qual o fenômeno da contração pode manifestar-se em elemento único; e locuções prepositivas, haja vista sua estrutura ser equivalente à combinação estável de palavras das quais uma é preposição.

É sabido que tanto preposição como locuções prepositivas são termos não flexionados, aproximando-se, portanto, dos advérbios e das conjunções (essas últimas já abordadas no subtópico 2.2.2). Nesse sentido, ressalta-se ainda que a larga maioria de preposições e locuções prepositivas, enquanto categorias relacionais, não pode ocorrer de modo isolado, sendo seguidas, portanto, de um Sintagma Nominal (SN) ou de uma frase (finita ou infinitiva), conforme os escritos de Brito *in* Mateus *et al* (2003, p. 392). Essa mesma autora apresenta o aspecto que une preposições e locuções prepositivas. Ela afirma:

De um modo geral, tanto umas [preposições] como outras [locuções prepositivas] são categorias lexicais, porque seleccionam complementos e estão-lhes associados valores semânticos. Algumas preposições são essencialmente marcas de casos, como veremos adiante, e outras, pelo menos em alguns dos seus valores, sofrem um processo de reanálise, comportando-se como complementadores, como acontece com *para*, quando introduz orações infinitivas. (BRITO *in* MATEUS *et al*, 2003, p. 392, acréscimo nosso)

Acerca do exposto e contrapondo-se à ideia que a categoria preposição é apenas uma categoria funcional, Brito *in* Mateus *et al* (2003) – baseada na Teoria Gerativa – avança na abordagem teórica em relação ao que é de linha mais tradicional: o fato de a presente categoria ser, também, lexical. Nesse sentido, esse avanço no que tange à abordagem de preposição enquanto categoria lexical interessa à investigação científica em questão, haja vista poder contribuir para a indicação de preposição com traço +F ou +L e se esse indicativo pode ser concebido como uma restrição para a (não) contração.

Em adição, como sabe-se, locuções prepositivas “[...] têm uma forma fixa, formada pela combinação de duas preposições, preposição + advérbio, advérbio + preposição, preposição + nome + preposição, etc.” (BRITO *in* MATEUS *et al*, 2003, p. 392) como se observa, por exemplo, nas ocorrências das locuções prepositivas [antes de], [apesar de], [a partir], [em virtude de] e [através de] encontradas no *corpus* de análise desse trabalho.

A autora ainda evidencia que

Preposições e locuções prepositivas, juntamente com a categoria sintagmática que lhes segue, um SN ou uma Frase, formam um sintagma preposicional (SP); ou, por outras palavras, o núcleo da categoria sintagmática SP é uma preposição ou uma

locução prepositiva que tem a propriedade de selecionar um complemento. (BRITO *in* MATEUS *et al*, 2003, p. 392)

A fim de ilustrar a categoria SP, tem-se as construções (15) e (16):

(15) “*Através dos* argumentos acima mencionados [...]”²⁹ e

(16) “*Em virtude das* atividades terem sido realizadas integralmente no formato ERE [...]”³⁰

A partir de (15) [dos argumentos] e (16) [das atividades] – formando SAdj – nota-se que a propriedade de seleção de complemento acontecerá não só com preposições simples, mas, também, com locuções prepositivas conforme visto nas construções apresentadas. Assim, no trabalho em questão esse tipo de construção será recorrente no que diz respeito à ocorrência do fenômeno da contração de preposição/locuções prepositivas com artigos definidos e indefinidos.

Em acréscimo, contrapondo-se à noção de núcleo da categoria SP apresentada por Brito *in* Mateus *et al* (2003), Azeredo (2013) ratifica:

O sintagma preposicional é desprovido de um núcleo, já que a unidade que o caracteriza – a preposição – jamais ocorre isolada. O SPrep. é uma construção extremamente versátil do ponto de vista sintático (pode ocupar as posições tanto do SAdj. quanto do SAdv.: *João trabalhava de manhã / cedo; Este vinho é do Chile / chileno*) e do ponto de vista semântico, por conta das diferenças entre as preposições e da polissemia de certas preposições (*Voltei de Petrópolis / Voltei de ônibus / Voltei de manhã*). A formação padrão do SPrep. consiste na combinação entre uma preposição e um SN. Excepcionalmente combina-se a preposição *de* com um adjetivo, para a expressão de uma causa (*Caiu de podre, Dormiu de cansado* [cf. *Dormiu de cansaço*]). (AZEREDO, 2013, p. 149, grifo do autor)

Não obstante à concepção de cunho mais tradicional sobre núcleo de SP apresentada por Azeredo (2013), essa pesquisa adota a concepção de Brito *in* Mateus *et al* (2003), cuja linha segue uma perspectiva de cunho mais gerativista. Além disso, é pertinente mencionar que, segundo Brito *in* Mateus *et al* (2003, p. 393), o caráter de constituinte de SP pode ser validado pela “[...] possibilidade de ser deslocado por determinados processos sintáticos, como a topicalização.”

O resultado do teste de topicalização engendrará sentenças gramaticais, aumentando a sua aceitabilidade em contextos contrastivos. As construções (16) e (17) exemplificam essa assertiva:

²⁹ Extraído do *corpus* de análise e encontrado na Monografia – *As contribuições das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no processo ensino/aprendizagem*, 2016, p. 13.

³⁰ Extraído do *corpus* de análise e encontrado no Livro *Programa Residência Pedagógica: saberes, identidades e práticas docentes*, 2022, p. 34.

(16) Em cima da cadeira, está o celular³¹ e

(17) De sintaxe, ela adquiriu o manual³².

Assim, percebe-se em (16) e (17) que a possibilidade de deslocamento de [em cima da cadeira] – adjunto adverbial de lugar, caso ablativo – e [de sintaxe] – adjunto adnominal, caso genitivo – não tornará as construções agramaticais, dada essa possibilidade existente na língua do falante³³, engendrando a figura de linguagem denominada Anacoluto. Ressalte-se que a estratégia/possibilidade de uso do Anacoluto é para um efeito de sentido específico, realce, segundo os dados de Brito *in* Mateus *et al* (2003), sendo, portanto, um uso não ordinário de construções prepositivas na sentença; no entanto, em todos os dados do *corpus* analisado, os usos são ordinários, isto é, sem deslocamento.

Em acréscimo, do ponto de vista semântico, o sistema preposicional do PB é concebido em dois campos centrais: traço da “dinamicidade” (física ou figurada) e traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” (BECHARA, 2019, p. 321-322). Nesse sentido, pode-se relacionar a noção de “ação decorrida” ao traço da dinamicidade, tendo em vista que a ação está em desenvolvimento (não contração); e as noções de “posse” ou “referência” aos traços de noções “estáticas” (contração), conforme é visto em Bechara (2019).

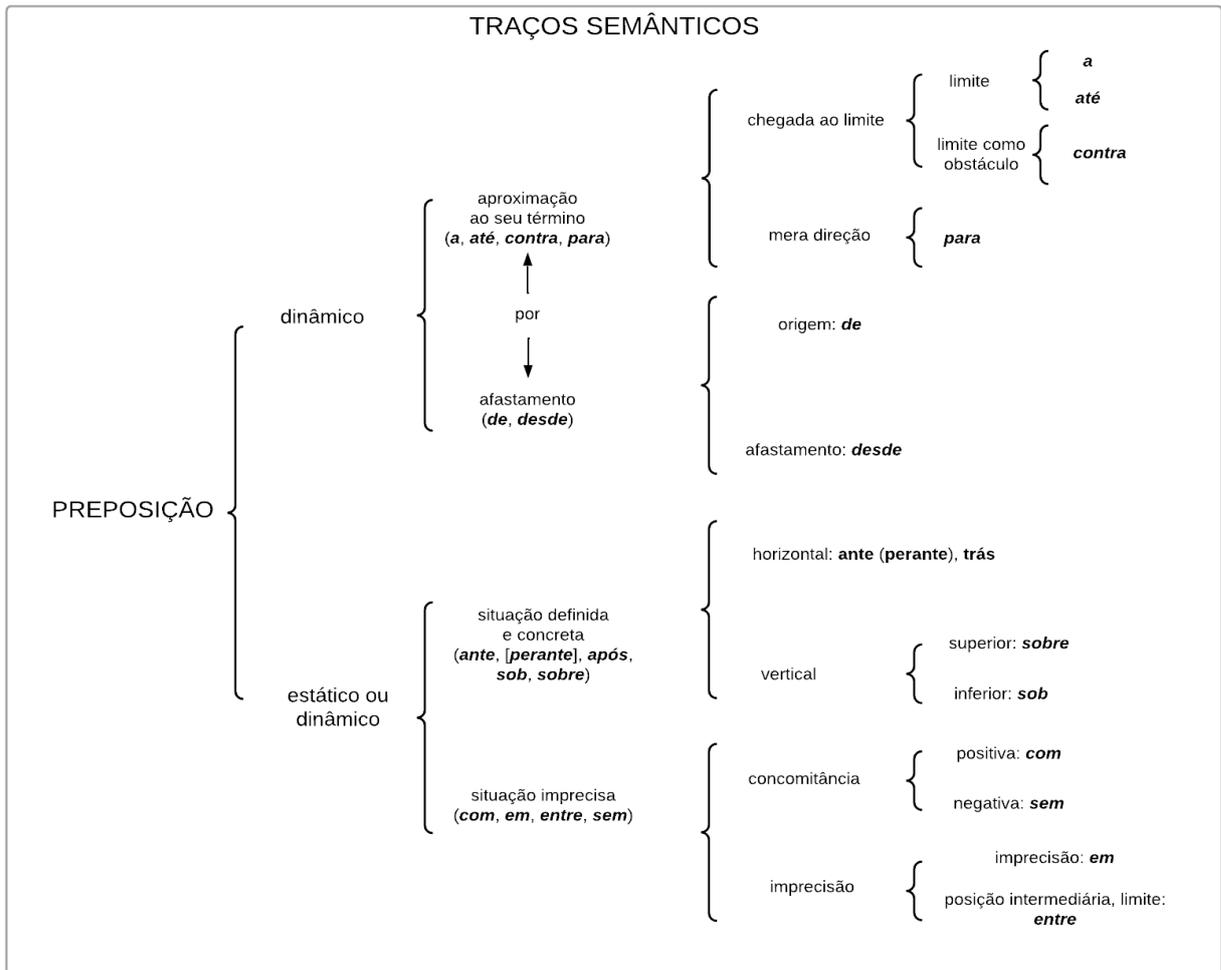
A fim de melhor visualizar a asserção realizada por Bechara (2019), apresenta-se, abaixo, uma figura que a sistematiza:

³¹ Dado de intuição.

³² Dado de intuição.

³³ Contudo, conquanto aconteça o deslocamento em ambas as construções, as funções sintático e semântica são diferentes.

Figura 1 – Traços semânticos da Preposição



Fonte: reproduzida de Bechara (2019, p. 323).

A partir da figura 1 – Traços semânticos da Preposição – pode-se constatar que cada tipo de preposição contempla traços semânticos de aproximação, afastamento, concomitância, dentre outros. Nessa ótica, a pesquisa em questão apresenta preposições que possuem traços mais semânticos realizando-se como posse ou referência – as quais estariam para contração – e ação decorrida – a qual estaria relacionada à não contração – segundo as hipóteses centrais do estudo em questão.

Nesse subtópico, foi realizada uma exposição sobre propriedades de preposições e perspectivas semânticas adotadas para essa categoria. É importante lembrar que, a depender do contexto estrutural dado, preposições desempenham papéis distintos. Assim, formando uma classe incisivamente heterogênea, elas apresentam um comportamento híbrido, ou seja, ora compartilham de características das categorias lexicais, ora das funcionais. (MIOTO; SILVA; LOPES, 2018, p. 137). Tendo isso em vista, os próximos subtópicos objetivam explicitar esse comportamento híbrido, morfossintático.

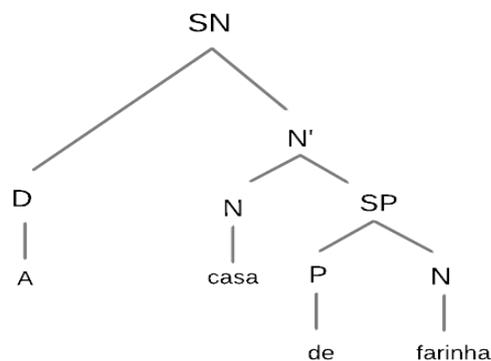
3.2 PREPOSIÇÕES COM TRAÇO MAIS LEXICAL

Como sinalizado, preposições podem se comportar hibridamente. É notório que preposições com traço +L são aquelas dotadas de carga semântica e exigem complemento, realizando-se como SAdj ou SAdv, em consonância aos escritos de Silva (2019, p. 21). A partir dessa concepção, pode-se realizar uma contraposição com aquilo que gramáticas tradicionais de cunho mais normativo apregoam: preposições não possuem carga semântica, sendo esvaziadas, portanto, de sentido³⁴, embora Castilho (2014) atribua isso a dificuldade de encontrar sentido nessa classe, conforme já visto. No entanto, a perspectiva adotada nesse estudo é de que há preposições as quais vão possuir carga semântica (posse ou referência e ação decorrida) a depender do contexto sintático em questão.

Outrossim, preposições com traço +L, além de c-selecionar seu complemento, também o s-selecionam (MIOTO; SILVA; LOPES, 2018, p. 83-84). Acerca disso, é importante conceituar “c-seleção” e “s-seleção”. Enquanto a primeira, c-seleção, refere-se “[...] à capacidade de organização hierárquica para elementos de um constituinte”, a segunda, s-seleção, faz alusão à propriedade de um elemento impor restrições semânticas a um elemento ao qual comanda.” (SILVA, 2019, p. 26)

A fim de melhor elucidar de que maneira a categoria preposição com traço +L acontece, bem como os processos de c-seleção e s-seleção, tem-se a figura 2:

Figura 2 – Preposição com traço +L e -F



Fonte: elaborada pelo autor (2023).

³⁴ Ou só gozam de sentido em nível gramatical.

Através da representação arbórea materializada na figura 2, é perceptível o traço +L da preposição [de]. Nessa seara, nota-se que o SP [de farinha] não é uma exigência sintática ou semântica do SN [a casa], todavia semântica da preposição [de], sendo o papel semântico do complemento fixado por ela, isto é, [casa de alguma coisa]. Nessa ótica, evidencia-se a atribuição de caso genitivo, isto é, a função sintática de Adjunto Adnominal. Esse adjunto [de farinha] é encabeçado por uma preposição [de] com traço +L, a qual, dotada de carga semântica, s-seleciona, ou seja, é s-selecionada pelo SN [a casa] e, ainda, c-seleciona seu próprio complemento [de farinha].

Destarte, a preposição com traço +L adicionou um novo sentido à palavra existente no léxico; ou seja, a preposição, nesse contexto, possui carga semântica própria. Ao ser colocada após o SN [a casa], ela [de] passa a exigir um complemento a partir do SN, formando, desse modo, um novo sintagma lexical [A casa de farinha].

Silva (2019, p. 27) afirma que preposições com traço +L serão tendentes “[...] à arquitetura de Adjuntos nominais ou verbais”, sendo o papel semântico do complemento fixado por elas. À parte disso, Kenedy e Othero (2018, p. 49) afirmam que, em construções triviais, preposições quase sempre selecionarão um SN como complemento. A isso, os autores associam a premissa de preposições sem seus respectivos complementos serem uma construção agramatical em PB, não sendo tal tipo de estrutura licenciada na língua, isto é, a manifestação do SN antes de preposição, como ilustrado a seguir:

(18) *Vamos construir um edifício de³⁵.

(19) *Comida, todo mundo precisa de³⁶.

Igualmente, os dados que compõem o *corpus* de análise comprovam a assertiva de Kenedy e Othero (2018). Observe-se que, em

(20) “[...] Jô Soares fez uma homenagem ao herdeiro e lamentou o fato **da** vida ter tomado rumos inversos³⁷”,

não se pode ter “*Vida, lamentou o fato de”, tendo em vista que esse tipo de estrutura não é licenciado em PB, ou seja, a manifestação do SN antes de preposição, neste caso, a unidade [de].

³⁵ Construção adaptada a partir dos escritos de Kenedy e Othero (2018, p. 49).

³⁶ Construção adaptada a partir dos escritos de Kenedy e Othero (2018, p. 49).

³⁷ Extraído do *corpus* de análise e encontrado em TV Foco – *Queda com batida de cabeça, perda do companheiro e sumiço*: Jô Soares desaparece após deixar a Globo.

No entanto, a essa afirmação de que preposições quase sempre selecionarão um SN como complemento, Kenedy e Othero (2018) também assinalam:

A bem da verdade, existem exceções à regra P + SN. Entretanto, são raros os casos de preposições lexicalizadas que podem ocorrer, numa frase, sem o seu complemento devidamente explicitado. Podemos verificar dois exemplos desse tipo incomum de construção ao ler as frases *Eu sou contra e Vou falar sobre*. Igualmente, são restritas, em língua portuguesa, as circunstâncias em que o SN pode ser deslocado para posições anteriores a P, como acontece em *Internet, não consigo ficar sem*. Não obstante, devido a particularidades morfofonológicas, em algumas línguas, como no caso do inglês, a anteposição do SN complemento de P é gramaticalmente licenciada. (KENEDY; OTHERO, 2018, p. 49, grifo dos autores)

Desse modo, com tal assertiva, percebe-se que, mesmo sendo raras preposições com traço +L sem seu complemento devidamente explicitado (KENEDY; OTHERO, 2018), registram-se suas ocorrências no PB. Em diversas situações, os interlocutores podem dizer:

(21) Você falará sobre essa situação?³⁸

(22) Sim, preciso falar *sobre*.³⁹

Nessa perspectiva, em (21), verifica-se que o fato de a preposição *sobre*, nesse contexto estrutural, ser +L resulta em uma exceção no que tange a sua ocorrência sem seu complemento devidamente explicitado (KENEDY; OTHERO, 2018, p. 49). Mas é importante considerar que parece haver em (22) uma relação anafórica, visto que o *sobre* da sentença refere-se, deiticamente, à palavra *situação* – já explicitada estruturalmente, podendo ser recuperada através do pronome demonstrativo [isso] – entendido, portanto, como uma dêixis anafórica.

Finalizando esse subtópico e como síntese de preposições com traço +L, pode-se apontar que elas c-selecionam e s-selecionam elementos, conforme poder-se-á verificar no *corpus* de análise do presente estudo. Além disso, essas preposições estarão adjungidas a adjuntos nominais ou verbais, gozando de autonomia relativa, ainda que o complemento possa ser recuperado por elipse como visto em (21). Nessa perspectiva, findados esses apontamentos no atinente a preposições com traço +L, serão apresentadas, no subtópico seguinte, considerações sobre preposições com traço +F, bem como possíveis aproximações entre ambas.

³⁸ Dado de intuição.

³⁹ Dado de intuição.

3.3 PREPOSIÇÕES COM TRAÇO MAIS FUNCIONAL

Inicialmente, cabe destacar que, segundo Farias (2005, p. 61), quanto mais dependente de V, +F é a preposição, haja vista não alterar ou fixar o papel semântico do complemento. A fim de testar essa assertiva, tem-se a sentença (23) “Eu gosto de sorvete”. Assim, percebe-se que a preposição [de] é selecionada por V [gosto], estando, portanto, no domínio desse, restringindo-se a c-selecionar seu complemento, sem atribuição de papel semântico. Nessa seara, preposições com traço +F limitam-se a c-selecionar seu complemento (MIOTO; SILVA; LOPES, 2018, p. 84), o que difere, incisivamente, de preposições com traço +L, as quais atuam duplamente: c-selecionando seu complemento e s-selecionando tal complemento.

As construções (24a) e (24b) explicitam tais preposições:

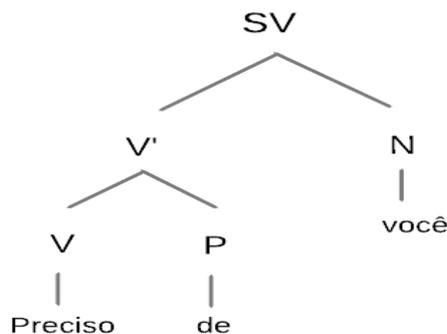
(24a) João desmaiou sobre a cama⁴⁰.

(24b) *João desmaiou sobre a terça-feira⁴¹.

Em (24a), nota-se que *sobre* é uma preposição com traço +L a qual s-seleciona um lugar como complemento (cama), propriedade a qual não é compatível com o Sintagma Determinante (DP) *a terça-feira*. Nesse sentido, preposições com traço +F tenderão à arquitetura de argumento (complementando V e N), sendo adjungidas ao Sintagma Verbal (SV) e ao SN (SILVA, 2019, p. 27), algo que não pode ser verificado em (24b). Ademais, Farias *in* Moura e Farias (2005, p. 127) apresentam que preposições com traço +F são marcadoras *dummy* e apenas realizam Caso, não alterando o papel temático do DP, como visualiza-se em (24b).

Objetivando explicitar o exposto, tem-se, a seguir, a figura 3:

Figura 3 – Preposição com traço +F e -L



Fonte: elaborada pelo autor (2023).

⁴⁰ Construção elaborada a partir dos escritos de Mioto, Silva e Lopes (2018, p. 84).

⁴¹ Construção elaborada a partir dos escritos de Mioto, Silva e Lopes (2018, p. 84).

Com a representação arbórea, expressa na figura 3, visualiza-se a preposição [de] com traço +F, sendo, portanto, mais dependente de V [preciso], ou seja, mais em seu domínio, enquanto a +L encontra-se no domínio de SN como comprovado no subtópico 3.2. Assim como outras categorias funcionais, percebe-se que preposições +F são a projeção estendida de uma categoria lexical (MIOTO; SILVA; LOPES, 2018, p. 137); nesse caso, de V, categoria que possui traço +L, limitando a c-selecionar seu complemento, sem atribuir, contudo, papel temático a seus argumentos (como, por exemplo, locativo, agente, paciente, instrumento, dentre outros). Nessa ótica, constata-se que a preposição [de], de acordo com esse contexto, não contribui para fixar o papel semântico do seu complemento, estando, apenas, adjungida a SV.

Em acréscimo, Mioto, Silva e Lopes (2018) esclarecem que as categorias funcionais, como extensões das categorias lexicais, necessitam obrigatoriamente de complemento em forma de argumento. É assinalado:

Uma outra [sic] característica das preposições é sempre ter um complemento, o que espelha uma propriedade conhecida das categorias funcionais: como elas são sempre a projeção estendida de uma categoria lexical (isto é, as categorias funcionais são sempre a projeção que está acima de uma categoria lexical), é natural afirmar que essas categorias obrigatoriamente precisam de um complemento. (MIOTO; SILVA; LOPES, 2018, p. 137)

Reconfigurando as concepções sobre preposições com traço +L e preposições com traço +F, Ilari *et al apud* Castilho (2014) adotam as noções de preposições Mais Gramaticalizadas (+G) e preposições Menos Gramaticalizadas (-G). Desse modo,

As mais gramaticalizadas (i) podem mais facilmente ser amalgamadas a outros elementos linguísticos: *pelo, co'a, cocê, ao, àquela, no, num, nisto, do, dum, disso, docê, pro, prum, praquilo, procê* etc.; (ii) possuem valor semântico mais complexo; (iii) podem funcionar como introdutoras tanto de argumentos como de adjuntos do verbo; e (iv) são mais frequentes que as menos gramaticalizadas. (ILARI *et al apud* CASTILHO, 2014, p. 587, grifo do autor)

Castilho (2014, p. 587), seguindo a sistematização proposta por Ilari *et al*, apresenta essa classificação como mais controlável/sustentável quando comparada às complicadas subclassificações “[...] preposições essenciais/preposições acidentais, preposições primárias/preposições secundárias, comuns na literatura” – já apresentadas, inclusive por Bechara (2019). Por conseguinte, pode-se realizar uma paridade em relação às concepções comumente difundidas sobre preposições com traço +L ou +F e preposições com traço +G ou -G.

Desse modo, preposições com traço +L estariam para preposições -G (ou seja, aquelas que, além de c-selecionar seu complemento, também o s-selecionam), podendo ser visualizada na construção

(25) “O ex-presidente fez afirmações sobre a importância **de** o PT voltar ao poder”⁴²

na qual a preposição [de] c-seleciona e s-seleciona seu complemento [de o PT]. Já as preposições com traço +F estariam para preposições +G (isto é, aquelas as quais se limitam a c-selecionar seu complemento). Essa assertiva pode ser comprovada com

(26) “A algema foi comprada **para** o caso dos senadores ‘não aceitem aquilo que vou falar’⁴³”,

funcionando a preposição [para] como introdutora do argumento da locução verbal [foi comprada] e estando adjungida a essa última.

Finalizando as discussões sobre a categoria preposição em perspectiva morfossintática, torna-se pertinente apresentar as aproximações que Miotto, Silva e Lopes (2018, p. 136) indicam em relação às categorias lexicais e às categorias funcionais. Afirma-se, assim, que a ideia de que se é uma categoria é lexical, então não pode ser funcional, e se é funcional não pode ser lexical parece ser um tanto problemática no que tange à categoria citada.

Segundo Miotto, Silva e Lopes (2018, p. 136), “[...] é lícito afirmar que tais preposições [lexicais] se comportam como predicados, do mesmo modo que as demais categorias lexicais.”. Depreende-se, nesse sentido, que a depender do contexto, as preposições poderão comportar-se como predicados conforme (27) “Maria cortou a fruta com a faca”⁴⁴.

Além disso, destaca-se, em consonância com Miotto, Silva e Lopes (2018), que preposições com traço +L gozam de algumas propriedades das categorias funcionais. A principal propriedade – do liame preposições com traço +L e preposições com traço +F – é o fato de uma categoria funcional pertencer a uma classe fechada, ou seja, tipo de classe de palavra para a qual não se engendram novos itens, como acontece, também, com a classe dos determinantes (MIOTTO; SILVA; LOPES, 2018, p. 136-137). Nessa mesma ótica,

O mesmo se aplica às preposições. Há uma série delas, mas como falantes não acrescentamos novos itens à lista. Quaisquer novidades, aliás, surgem apenas como

⁴² Extraído do *corpus* de análise e encontrado em IG último segundo – *Contra Bolsonaro, Lula quer intensificar divulgações do PT nas redes sociais*.

⁴³ Extraído do *corpus* de análise e encontrado em IG último segundo – *Luciano Hang faz vídeo algemado caso seja preso pela CPI da Covid*.

⁴⁴ Construção adaptada a partir dos escritos de Miotto, Silva e Lopes (2018, p. 136).

reflexo da mudança na língua, como a substituição da preposição *a* por *para* em muitas partes do Brasil (*Maria foi a Santos* vs. *Maria foi para Santos*). (MIOTO; SILVA; LOPES, 2018, p. 137, grifo dos autores)

Sistematizando as discussões aventadas, apresenta-se um quadro o qual explicita, ainda que minimamente, as principais aproximações e distanciamentos entre preposições com traço +L e preposições com traço +F. Eis o quadro:

Quadro 4 – Aproximações e distanciamentos entre Preposições Lexicais e Funcionais

<i>Propriedades</i>	<i>P lexical</i>	<i>P funcional</i>
expressam vários significados	+	-
atribuem papel temático ⁴⁵	+	-
atribuem Caso	+	+
são argumentos de outros núcleos	-	+
são adjuntos a outros núcleos	+	-
formam uma classe fechada	+	+

Fonte: adaptado de Miotto, Silva e Lopes (2018, p. 137).

Através do quadro apresentado, pode-se constatar que tanto preposições com traço +L quanto preposições com traço +F compartilham as características: 1) atribuição de caso e 2) formação de classe fechada, não sendo, totalmente, dicotômica sua possibilidade de classificação. Igualmente, na análise dos dados, poder-se-ão visualizar algumas destas afirmações, visto que as preposições contidas no *corpus* podem validar, ainda que minimamente, as propriedades mencionadas no quadro 4.

Nos subtópicos 3.2 e 3.3, discutiu-se sobre o comportamento híbrido de preposições, as aproximações e distanciamentos entre as que possuem um traço +L e as que são dotadas de um traço +F. Por fim, expostas essas assertivas, serão apresentadas, na próxima seção, considerações mais específicas sobre toda a metodologia de coleta e análise dos dados do estudo.

⁴⁵ Pode-se realizar uma aproximação, aqui, de papéis temáticos com o que Bechara (2019, p. 321) também advoga acerca do sistema preposicional do PB sob o ponto de vista semântico.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Esta seção da pesquisa consiste em evidenciar os procedimentos metodológicos utilizados para o estudo. Para tanto, visando esmiuçar o presente tópico, esse está dividido nos subtópicos Sistemática de coleta de dados (como se dá sua organização), Caracterização da pesquisa (explicitação de seu caráter, natureza, fontes de informação), Aplicação do método de abordagem (justificativa para escolha do método qualitativo em relação à análise dos dados), Forma de organização dos dados (disposição em alíneas e em quadros resumo), Dados oriundos de mídias e Dados oriundos de outras fontes.

4.1 SISTEMÁTICA DE COLETA DOS DADOS

Os próximos subtópicos objetivam apresentar os pormenores metodológicos da pesquisa, sendo discorridas, portanto, a caracterização da pesquisa (atrelada a justificativas para determinadas escolhas metodológicas), bem como a aplicação do método de abordagem do estudo e todas as etapas seguidas ao longo do desenvolvimento dessa investigação científica no que se refere à contração de preposições com artigos definidos e indefinidos no PB.

4.1.1 Caracterização da Pesquisa

Este trabalho é de caráter bibliográfico, como sinalizado, haja vista a composição de arcabouço teórico o qual fosse útil para o embasamento de questões mais pontuais sobre PL e PG, focalizando nessas últimas para os efeitos de sentido de contração de construções prepositivas atreladas a artigos definidos e indefinidos no PB escrito, analisadas nos contextos posse ou referência e ação decorrida. Ademais, pode-se apontar que o estudo é de cunho qualitativo, detendo-se à qualidade, à interpretação e à descrição linguística do recurso citado, não elegendo o método quantitativo como instrumento para a análise dos dados, tendo em vista que há replicabilidade na estrutura desses.

Em acréscimo, destaca-se que a natureza da presente pesquisa é considerada como básica (PAIVA, 2019, p. 11), visto que objetiva aumentar o conhecimento científico acerca da contração de preposições com artigos no PB, não possuindo como finalidade a aplicação de tal conhecimento à sala de aula ou à resolução de problemas, por exemplo. No atinente ao gênero,

é caracterizada como teórica à medida que se propõe a estudar teorias, bem como construir ou, ainda, modificar uma teoria, contribuindo, assim, com novos conceitos (PAIVA, 2019, p. 11) – como é o caso da Descrição Linguística sobre o fenômeno da contração de preposições com artigos definidos e indefinidos no PB.

É pertinente salientar que, quanto às fontes de informação, essa pesquisa é entendida como primária (PAIVA, 2019, p. 11-12), tendo em vista que todos os dados foram coletados pelo próprio pesquisador (em mídias e outras fontes) para a composição de seu *corpus* de análise. Por fim, quanto aos objetivos da pesquisa⁴⁶, pode-se classificá-la como explicativa, pois pretende identificar e explicar os fatores que contribuem para a ocorrência e para o desenvolvimento do fenômeno (GONSALVES, 2003, p. 66 *apud* PAIVA, 2019, p. 14) da contração de preposições com artigos, focalizando na divergência de sentido em construções preposicionais escritas.

4.1.2 Aplicação do Método de Abordagem

Como mencionado, a pesquisa possui método de abordagem qualitativo, tendo em vista a base de verificação do fenômeno da (não) contração acontecer pela consideração das qualidades dos dados levantados, selecionados e organizados para a composição do *corpus*, sob o rigor científico exigido para o processo. Além disso, *grosso modo*, pode-se definir os procedimentos metodológicos, nessa pesquisa, em duas etapas: 1) Revisão de literatura no concernente ao que os estudos de cunho normativo abordam sobre o fenômeno investigado, bem como sobre os principais conceitos de PL e, sobretudo, PG e seus desdobramentos; e 2) Coleta, seleção, organização e testagem dos dados, focalizando os efeitos de sentido provocados a partir da (não) utilização do fenômeno em pauta.

Nessa perspectiva, foram coletados ao todo trinta dados de contextos mais monitorados e contextos menos monitorados, sendo aqueles mais formais e esses menos formais, respectivamente. No entanto, visando à composição do *corpus*, foram selecionados para a análise somente vinte e sete dados⁴⁷, haja vista serem mais representativos do recurso em questão. Como supracitado, todos os dados são da modalidade escrita do PB e foram coletados no período de um ano, compreendendo outubro de 2021 a outubro de 2022.

⁴⁶ Nessa seara, entenda-se “objetivos da pesquisa” no que tange às subclassificações propostas por Paiva (2019, p. 13-14) em: 1) Pesquisa Exploratória, 2) Pesquisa Descritiva, 3) Pesquisa Explicativa e 4) Pesquisa Experimental.

⁴⁷ Saliente-se que os três dados não inclusos para a análise possuem a mesma configuração estrutural em alguns contextos. Desse modo, como esses dados seguem a mesma configuração estrutural e contextual, realizou-se o recorte metodológico para a composição do *corpus*.

Os dados são oriundos de mídia, como conta comercial no *Instagram* e sites de notícias com circulação nacional (Acessa.com, Exame, IG Último Segundo, MSN e TV Foco) e oriundos de outras fontes (artigo científico, livros físicos, monografia). Assim, os dados coletados possuem conteúdos diversificados (futebol, Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, política, saúde etc.). É importante destacar que não houve, desde o início da pesquisa, o estabelecimento de parâmetros quanto à padronização única de fonte de coleta (mídia ou outras fontes), tendo em vista, por escolha, se adotar tal procedimento visando perceber como o fenômeno se comporta nos mais diversos contextos escritos.

Destarte, após a coleta de dados, realizou-se a seleção e organização dos dados, já visualizando a disposição desses em alíneas e em dois quadros – enquanto resumo das discussões.

4.2 FORMA DE ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Como sinalizado, todos os dados estão organizados em alíneas e no formato de quadros resumo, haja vista se considerar mais adequada essa forma de disposição no concernente à visualização panorâmica desses. Os quadros resumo estão divididos em dois grupos: dados oriundos de mídia e dados oriundos de outras fontes. Este procedimento metodológico múltiplo – coleta e análise de dados oriundos de mídias e dados oriundos de outras fontes – justifica-se como um meio para tentar esmiuçar o fenômeno estudado e observar sua manifestação nos mais diversos contextos escritos.

Nos quadros, constam alguns elementos (da esquerda para a direita), a saber: Elemento Anteposto (palavra anterior ao recurso); Elemento Relacional (subdividindo-se em contração e não contração); Elemento Posposto (palavra posterior ao recurso); e Efeitos de Sentido (ação decorrida⁴⁸ e posse⁴⁹ ou referência⁵⁰). Essas indicações podem ser verificadas em (25) “A vida **do** professor é triste⁵¹”. Outrossim, em (28), como Elemento Anteposto, tem-se [vida], sendo esse elemento mais dominante em relação aos demais; como Elemento Relacional, visualiza-se a preposição [de] contraída com artigo definido [o] – do – entendida como elemento transpositor, conforme a assertiva de Azeredo (2013, p. 196); como Elemento Posposto,

⁴⁸ Relembre-se “ação decorrida” como uma ação em desenvolvimento.

⁴⁹ Relembre-se “posse” como uma relação de pertencimento entre elementos anteposto e posposto com traço -Animado e +Animado, isto é, -Humano e +Humano.

⁵⁰ Relembre-se “referência” como o processo de colocar os termos anteposto e posposto da construção em ponto de referência, relação.

⁵¹ Dado de intuição.

evidencia-se [professor], estando, assim, como elemento mais dominado em relação à preposição [de].

Ademais, salienta-se que, nos quadros resumo, não estão dispostos os dados na íntegra, ou seja, toda a construção do início até o ponto de fechamento ou sinal de pontuação semelhante. Neles constam, apenas, os elementos que mais interessam à investigação em pauta: Elemento Anteposto, Elemento Relacional e Elemento Posposto. Contudo, para fonte de consulta no atinente à totalidade dos textos, estão inseridas notas de rodapé ao final do elemento posposto de cada dado com o *hiperlink* ou referência reduzida do dado utilizado. Em acréscimo, poder-se-ão visualizar informações mais completas sobre os textos utilizados na seção da pesquisa intitulada “Referências”.

No tocante à análise e à discussão dos dados, essas encontram-se desenvolvidas a partir da apresentação dos dados em alíneas, além da apresentação de quadros resumo sobre os dados oriundos de mídias e de outras fontes. Em adição, é válido destacar que além de considerar os efeitos de sentido (posse ou referência e ação decorrida), através dos traços - e + – nos quadros – tentar-se-á evidenciar a adequação ou não do recurso da contração e não contração nos contextos de uso e suas implicações para a alternância dos efeitos de sentido estudados.

4.2.1 Dados Oriundos de Mídia

Nesse subtópico, estão dispostos os dados coletados em mídias, a saber: conta comercial no *Instagram* e sites de notícias com circulação nacional (Acessa.com, Exame, IG Último Segundo, MSN e TV Foco). Para fins organizacionais, a análise está disposta em alíneas dado a dado, em alguns casos, e, em outros, por agrupamento de dados. Além disso, como já mencionado, todos os dados são da escrita, haja vista o fenômeno da contração de preposições com artigos definidos e indefinidos no PB não ser distinguido na oralidade para os efeitos de sentido posse ou referência e ação decorrida, de acordo com hipóteses.

Contudo, há tipos de contrações que, mesmo sendo escritas, não irão interferir para os efeitos de sentido analisados nesse estudo, tendo em vista que realizam outro efeito de sentido, como visualizado a seguir:

(1) “A algema foi comprada **para o** caso dos senadores ‘não aceitarem aquilo que vou falar’.” (dado 1⁵² do quadro 5)

⁵² Esta numeração – dado 1 – se refere à ordem de disposição presente no quadro 5, bem como para os demais dados.

(2) “O conteúdo das vacinas utilizadas atualmente contra a covid-19 é bem conhecido. É o caso daquelas baseadas em mRNA, como os produtos de Pfizer/BioNTech e Moderna, bem como de todas as outras, inclusive as usadas **para as** demais doenças infecciosas.” (dado 10)

No concernente à construção (1), percebe-se a não contração, nessa construção, em que a preposição [para] não se contrai com o artigo definido [o]. Nesse contexto, a (não) contração vai ser opcional, haja vista não implicar nos efeitos de sentido ação decorrida, posse ou referência, mas, sim, de finalidade⁵³ – esse último não sendo objeto de investigação aqui. No entanto, pode-se dizer que a opcionalidade da não contração, nesse caso, está associada a um maior grau de formalidade e a contração está relacionada a um menor grau de formalidade a depender do gênero pelo qual ela se materialize.

Ademais, em (2), é encontrada a não contração da preposição [para] com o artigo definido [as] em [usadas para as]. Novamente, como em (1), pode-se dizer que a (não) contração – e mais precisamente a preposição [para] – não vai implicar nos efeitos de sentido anunciados nesse estudo, visto que o efeito de sentido realizado é de alvo, ou seja, as vacinas são utilizadas objetivando um fim – “para as demais doenças infecciosas.” Igualmente, poder-se-ia ter [usadas pras], configurando, mais uma vez, um grau de informalidade como já visto, também, em (1).

Diferentemente de (1) e (2), em (3) constata-se a contração da preposição [de] com o artigo definido [os]:

(3) “[...] Caso **dos** senadores ‘não aceitem aquilo que vou falar’.” (dado 2)

Nessa sentença (3), tem-se a contração [de + os] materializada em [dos] que, estando amalgamada, seria dotada do efeito de sentido posse ou referência – conforme uma das hipóteses desse estudo. No entanto, percebe-se uma inadequação nesta construção [caso dos⁵⁴ senadores aceitem aquilo que vou falar]. Mesmo tal sentença sendo dotada de elementos anteposto com traço -Animado [caso] e posposto com traço +Animado [senadores], a relação que se estabelece não é de posse, visto que não são os senadores que possuem um caso ou estão provocando um caso, mas são inseridos em um caso por alguém do discurso.

Embora estruturalmente e foneticamente tenha sido realizada a contração em (3), o efeito de sentido, nesse contexto, é de ação decorrida, sendo necessário o desmembramento da

⁵³ Sendo a oração classificada como Subordinada Adverbial Final.

⁵⁴ Inclusive, o serviço de Inteligência Artificial do *Word* já marca, em alguns contextos, a inadequação quanto à contração de preposições com artigos definidos e indefinidos. Assim, essa ferramenta, não obstante sua limitação, pode auxiliar falantes em suas variadas produções textuais escritas, devendo haver testagens quanto aos mais diversos contextos.

contração, resultando em [Caso de os senadores não aceitarem aquilo que vou falar]. Em acréscimo, se o produtor do texto tivesse enunciado [Caso dos senadores], sem complementação verbal mais à direita, poder-se-ia ter os efeitos de sentido posse ou referência, levando-se em consideração que o comportamento de contração está relacionado, conforme hipótese da pesquisa, à posse ou à referência.

Ademais, observem-se, por exemplo, as construções:

(4) “Muito se fala sobre a possibilidade **de o** presidente Jair Bolsonaro ser julgado no Tribunal Penal Internacional, em Haia, por conta da sua atuação durante à pandemia do novo coronavírus.” (dado 3)

(5) “O ex-presidente fez afirmações sobre a importância **de o** PT voltar ao poder e, acima de tudo, retornar com uma bancada expressiva na Câmara e no Senado.” (dado 4)

(6) “Existe o risco **de o** RNA da vacina se integrar ao meu genoma e modificá-lo.” (dado 6)

Visualiza-se, nessas construções, a não contração da preposição [de] + o artigo definido [o], corroborando o efeito de sentido ação decorrida – conforme já marcado nessas sentenças – além de evidenciar a sua adequação estrutural e semântica. É importante destacar, que em (4), (5) e (6), tem-se os substantivos abstratos [possibilidade], [importância] e [risco], respectivamente. Note-se que após cada um desses substantivos abstratos encontram-se os Complementos Nominais (CN) [de o presidente], [de o PT] e [de o RNA] os quais complementam os substantivos abstratos supracitados, podendo confirmar, *a priori*, a ideia de não posse (de CN), além de evidenciar o efeito de sentido ação decorrida (de não contração).

A posteriori, tem-se a construção (7):

(7) “Essa situação, por sua vez, permitiu o desenvolvimento em tempo recorde **de uma** importante quantidade de vacinas para fazer frente ao coronavírus.” (dado 5)

No que tange à sentença (7), visualiza-se a não contração da preposição [de] com o artigo indefinido [uma], embora, nesse contexto, a contração [duma] – concebida como menos formal – seja possível, adotando-se o efeito de sentido referência entre [tempo recorde] e [importante quantidade]. Assim, poder-se-ia afirmar, por haver a não contração, que o efeito de sentido seria ação decorrida, haja vista estar presente, nesse período, a oração mais à direita [para fazer frente ao corona vírus⁵⁵]. Importa salientar sobre essa afirmação que a oração

⁵⁵ Sendo classificada como Subordinada Adverbial Final.

referida não atua no domínio dos termos implicadores, isto é, termo anteposto [tempo recorde] e termo posposto [importante quantidade], todavia em V gerador da sentença [permitiu], não interferindo nos efeitos de sentido cotejados nesse estudo.⁵⁶

Em acréscimo, observem-se as construções (8), (9) e (10):

(8) “Seria algo parecido com o manual de instruções que contém as etapas da montagem **de um** móvel.” (dado 7)

(9) A proteína viral será aquela que desperta o nosso sistema imunológico e permitirá o aparecimento **de uma** resposta e de uma memória de defesa específica contra essa proteína.” (dado 8)

(10) A proteína viral será aquela que desperta o nosso sistema imunológico e permitirá o aparecimento de uma resposta e **de uma** memória de defesa específica contra essa proteína.” (dado 9)

Em (8), (9) e (10), verifica-se a não contração da preposição [de] + os artigos indefinidos [um, uma, uma, respectivamente]. Assim, percebe-se nas construções [montagem de um móvel] (8), [aparecimento de uma resposta] (9) e [e de uma memória] (10) que a (não) contração de preposições com artigos não vai implicar nos efeitos de sentido investigado nesse estudo. Desse modo, podem, facilmente, ser contraídas [dum móvel], [duma resposta] e [duma memória], embora esse tipo de contração evidencie, ainda que minimamente, um grau de formalidade menor em relação à não contração, como já visto.

Ainda nessa perspectiva, é importante destacar que, de acordo com os dados analisados até agora nesse estudo, a presença de artigos indefinidos, nos contextos apresentados com a preposição [de], denota opcionalidade para contração ou não contração. Nesse sentido, ratifica-se que essa opcionalidade não interfere para diferenças nos atos de fala analisados, podendo ser engendrada uma nova hipótese para a pesquisa a partir de dados com essa configuração estrutural.

As sentenças (11), (12) e (13) evidenciam a não adequação da contração e a implicação dessa inadequação estrutural e semântica para efeitos de sentido:

(11) “Na tela da Globo, após a perda, Jô Soares fez uma homenagem ao herdeiro e lamentou o fato **da** vida ter tomado rumos inversos, já que um filho geralmente não morre antes dos pais.” (dado 11)

⁵⁶ Sentenças como essa podem engendrar discussões mais aprofundadas em estudos *a posteriori*.

(12) “A ação foi uma iniciativa do partido Rede Sustentabilidade para entender a necessidade **do** médico precisar prescrever vacina contra a Covid-19 para crianças de 5 a 11 anos, além de um ‘termo de consentimento livre esclarecido’.” (dado 13)

(13) “Após a festa desta quarta-feira (17), a probabilidade **do** cearense ter sentimentos românticos pelo amigo ganhou força nas redes sociais e gerou debates.” (dado 15)

Com (11), (12) e (13), nota-se que a contração da preposição [de] + os artigos definidos [a, o, o], resultando [da], em (11), e [do], em (12) e (13), indicaria, por estarem amalgamadas, uma relação de posse ou referência, tendo em vista as hipóteses dessa investigação científica. Todavia, o efeito de sentido das construções é de ação decorrida, uma vez que em [fato **de** a vida ter tomado rumos inversos]⁵⁷ (11), [necessidade **de o** médico precisar prescrever vacina] (12) e [probabilidade **de o** cearense ter sentimentos românticos] (13), as ações estão em desenvolvimento, pressupondo, assim, a presença de uma oração posposta mais à direita à não contração.

Arelado a isso, um fato pertinente para se discutir são os casos de contrações de preposições com artigos no PB em contextos sintáticos de complementação nominal em situação oracional mais à direita. Observem-se os dados (14), (15) e (16):

(14) “[...] a nova onda de Covid no Reino Unido disparou todos os alarmes e destacou a necessidade **dos** clubes em contar com um grande elenco para o restante da temporada.” (dado 12)

(15) “Em entrevista à imprensa nesta quinta-feira (3), Mondego lamentou a falta de informações mais detalhadas e disse ver uma tentativa **dos** suspeitos de ‘justificar a barbárie’.” (dado 14)

(16) “[...] ‘punição pela irresponsabilidade **do** hotel em não esterilizar a banheira de hidromassagem de maneira adequada’.” (dado 16)

Em relação às construções (14), (15) e (16), são visíveis a contração da preposição [de] com o artigo definido [o(s)]. Nessas sentenças, o desmembramento é necessário [de o(s)], pois o efeito de sentido realizado é de ação decorrida, não obstante ter sido realizada a contração em [necessidade dos clubes **em** contar com um grande elenco] (12), [tentativa dos suspeitos **de**

⁵⁷ No entanto, se a construção fosse “Isso é fato da vida” (dado de intuição), ter-se-ia a contração com o ato de fala “referência”, colocando em ponto de relação os termos anteposto [fato] e posposto [vida].

‘justificar a barbárie’] (14) e [irresponsabilidade do hotel **em** não esterilizar a banheira de hidromassagem] (16).

Na sentença (14), não são os clubes que possuem a necessidade, contudo alguém que possui a necessidade de os clubes em fazerem algo, neste caso, de contarem com um grande elenco. Igualmente em (15), não é a tentativa dos suspeitos (não há relação de posse ou referência), mas de alguém exterior ao discurso para que os suspeitos justifiquem a barbárie. Nesse sentido, em (16), tem-se que não a irresponsabilidade não é do hotel, no entanto de alguém responsabilizá-lo por não ter esterilizado a banheira.

Note-se que nestes dados (14), (15) e (16), tem-se contextos de complementação nominal em que se evidencia a relação de não posse, logo, de ação decorrida. Assim, pode-se mencionar que quando se tem posterior à preposição do complemento nominal uma oração, tal preposição restringirá a contração [de +o(s)]. Se a construção fosse [necessidade **do** juiz⁵⁸], por exemplo, isso em nada afetaria a sentença, justamente por não haver uma situação oracional mais à direita do elemento posposto [juiz], podendo tal assertiva ser apontada como uma restrição para a contração da preposição [de] com artigos definidos no PB escrito.

Em acréscimo, são apresentadas contrações com locuções prepositivas:

(17) “Antes **da** bola rolar, o Maracanã receberá uma festa preparada pela CBF.” (dado 17)

(18) “Apesar **de o** presidente Jair Bolsonaro (PL) citar no debate neste domingo (16) que um game educacional adotado pelo governo alfabetizaria crianças em seis meses, o MEC (Ministério da Educação) nem sequer tem estudos de eficácia do aplicativo no aprendizado.” (dado 18)

No atinente ao dado (17), evidencia-se a contração da locução prepositiva [antes de] + o artigo definido [a], engendrando [antes da]. Outrossim, o ato de fala realizado é de ação decorrida, isto é, [antes de a bola rolar], conquanto haver, na construção, a inadequação do ato de fala posse ou referência. Se a sentença fosse, por exemplo, assim textualizada [Faça o jantar antes da Fernanda⁵⁹], o efeito de sentido posse ou referência estaria explícito, todavia, não para a construção analisada em (17). Já em (18), percebe-se, com a não contração, a consonância do efeito de sentido ação decorrida [Apesar de o presidente Jair Bolsonaro (PL) citar],

⁵⁸ Dado de intuição.

⁵⁹ Dado de intuição.

evidenciando sua adequação ao modo como foi redigida e ao ato de fala correspondente – ação decorrida – através de exigência verbal mais à direita do elemento relacional.

Por fim, evidenciam-se (19) e (20):

(19) “O Graphogame foi desenvolvido **a partir dos** resultados de um estudo conduzido na Finlândia em 1992 para identificar as dificuldades de alfabetização em crianças com dislexia.” (dado 19)

(20) “[...] resultados **de um** estudo conduzido na Finlândia em 1992 para identificar as dificuldades de alfabetização em crianças com dislexia.” (dado 20)

Finalizando a discussão sobre os dados oriundos de mídia, há, em (19), a contração da locução prepositiva [a partir de] + o artigo definido [os], resultando em [a partir dos]. Nesse contexto de uso, percebe-se a adequação estrutural e semântica da sentença ao efeito de sentido referência. Note-se que se a construção fosse [A partir de os resultados], isoladamente, a sentença careceria da presença de uma oração mais à direita do termo relacional [neste caso, “dos”] para continuidade da ação, necessitando tal ação ser desenvolvida. Destarte, a construção fica inadequada, portanto, agramatical se não houver a adequação do recurso ao contexto de uso ação decorrida.

Já em (20), é notável a não contração da preposição [de] com o artigo indefinido [um]. Igualmente, nesse contexto, a contração seria viável, como visto também em (8), (9) e (10), resultando em [dum]⁶⁰ e não alterando o ato de fala posto – referência. No entanto, é importante citar que a oração [para identificar as dificuldades de alfabetização em crianças com dislexia⁶¹] não altera o ato de fala referência e nem configura o ato de fala ação decorrida por estar mais à direita do elemento relacional [de um]. Tal oração não atua, portanto, no domínio dos termos implicadores [resultados – anteposto; estudo – posposto] para a indicação dos efeitos de sentido ação decorrida, posse ou referência⁶², mas, sim, sobre a locução verbal [foi desenvolvido].

A seguir, encontra-se o quadro 5 com um resumo acerca de algumas discussões patenteadas ao longo da análise dos dados oriundos de mídias:

⁶⁰ Isso implica dizer que havendo ou não a (não) contração, o artigo indefinido [um] não se confundirá com o numeral [um], haja vista esse último, por suas propriedades, não poder ser contraído com preposições.

⁶¹ Realizando o ato de fala “finalidade”, sendo a oração classificada como Subordinada Adverbial Final.

⁶² Conforme visto, também, em (7).

Quadro 5 – Dados Oriundos de Mídia

ELEMENTO ANTEPOSTO	ELEMENTO RELACIONAL		ELEMENTO POSPOSTO	EFEITOS DE SENTIDO			
	CONTRAÇÃO	NÃO CONTRAÇÃO		AÇÃO DECORRIDA	POSSE	REFERÊNCIA	
1 ⁶³	“comprada		para o	caso ⁶⁴	-	-	-
2	“caso	dos		senadores ⁶⁵	+	-	-
3	“possibilidade		de o	presidente ⁶⁶	+	-	-
4	“importância		de o	PT ⁶⁷	+	-	-
5	“recorde		de uma	importante ⁶⁸	-	-	+
6	“risco		de o	RNA ⁶⁹	+	-	-
7	“montagem		de um	móvel ⁷⁰	-	-	+
8	“aparecimento		de uma	resposta ⁷¹	-	-	+
9	“e		de uma	memória ⁷²	-	-	+
10	“usadas		para as	demais ⁷³	-	-	-
11	“fato	da		vida ⁷⁴	+	-	-
12	“necessidade	dos		clubes ⁷⁵	+	-	-
13	“necessidade	do		médico ⁷⁶	+	-	-
14	“tentativa	dos		suspeitos ⁷⁷	+	-	-
15	“probabilidade	do		cearense ⁷⁸	+	-	-
16	“irresponsabilidade	do		hotel ⁷⁹	+	-	-
17	“Antes	da		bola ⁸⁰	+	-	-
18	“Apesar		de o	presidente ⁸¹	+	-	-
19	“a partir	dos		resultados ⁸²	-	-	+
20	“resultados		de um	estudo ⁸³	-	-	+

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

⁶³ A numeração dos dados, nesse quadro, se refere à ordem original de coleta.

⁶⁴ Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2021-09-27/luciano-hang-faz-video-almagado-caso-seja-presos-pela-cpi-da-covid.html>.

⁶⁵ *Ibid.*

⁶⁶ Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/2021-10-02/caso-nas-filipinas-abre-precendente-para-bolsonaro-ser-julgado-em-haia.html>.

⁶⁷ Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2021-10-04/contra-bolsonaro--lula-quer-intensificar-divulgacoes-do-pt-nas-redes-sociais.html>.

⁶⁸ Disponível em: <https://saude.ig.com.br/2021-10-10/o-que-dizer-para-quem-ainda-tem-duvidas-sobre-se-vacinar-contr-a-covid-19.html>.

⁶⁹ *Ibid.*

⁷⁰ *Ibid.*

⁷¹ *Ibid.*

⁷² *Ibid.*

⁷³ *Ibid.*

⁷⁴ Disponível em: <https://www.otvfoco.com.br/queda-e-perda-do-companheiro-jo-soares-desaparece-apos-deixar-a-globo/>.

⁷⁵ Disponível em: <https://esporte.ig.com.br/futebol/2021-12-21/covid-atrapalha-o-corinthians-e-united-nao-pretende-liberar-cavani.html?Foto>.

⁷⁶ Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2021-12-24/stf-vacinacao-infantil-prescricao.html>.

⁷⁷ Disponível em: <https://www.msn.com/pt-br/noticias/brasil/fam%C3%ADlia-de-mo%C3%AFse-est%C3%A1-sem-acesso-ao-inqu%C3%A9rito-policia-afirma-oab-rj/ar-AATrOCZ>.

⁷⁸ Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2022-02-20/vyni-se-apaixona-por-eliezer-no-bbb-22.html?Foto1>.

⁷⁹ Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2022-02-23/rj-mulher-engravado-sozinha-banheira-hidromassagem.html>.

⁸⁰ Disponível em: <https://exame.com/esporte/quantos-ingressos-foram-vendidos-para-a-final-entre-flamengo-x-corinthians/>.

⁸¹ Disponível em: <https://www.acesa.com/noticias/2022/10/102683-ministerio-da-educacao-nao-tem-dados-sobre-eficacia-de-jogo-de-alfabetizacao-citado-por-bolsonaro.html>.

⁸² *Ibid.*

⁸³ *Ibid.*

4.2.2 Dados Oriundos de Outras Fontes

Nesse subtópico, estão dispostos os dados oriundos de outras fontes, a saber: artigo científico, livros físicos e monografia. Ressalta-se que todos os dados coletados para a composição do *corpus* são da escrita, sendo o motivo da exclusão de dados provenientes da oralidade explicitado no subtópico 4.2.1. Assim como nos dados oriundos de mídias, a análise encontra-se disposta em alíneas dado a dado, em alguns casos, e, em outros, por agrupamento de dados, objetivando analisar os efeitos de sentido posse ou referência e ação decorrida.

A priori, tem-se as construções:

(21) “**Em virtude das** atividades terem sido realizadas integralmente no formato ERE, as imagens que dispomos foram as registradas a partir de *prints* das telas de diferentes dispositivos usados pelos/as residentes.” (dado 21)

(22) “Além disso, o fato **do** português brasileiro ser uma língua de imensa maioria da população não implica, automaticamente, que essa língua seja um bloco compacto, uniforme e homogêneo.” (dado 22)

(23) “Com pessoas com neurônio: **apesar do** governo Lula ter tido grandes avanços e dado oportunidades incríveis para a população pobre [...], ele traiu o proletariado como qualquer outro político e não deve ser visto como um salvador da pátria.” (dado 23)

(24) “É preciso ter em mente o motivo de se usar uma língua diferente da usual, trabalhando o respeito e a construção de consciências de reconhecimento dos direitos da pessoa surda em sala, para que aquele aluno que possui deficiência se sinta acolhido, não apenas pelo fato **dos** colegas e professores saberem se comunicar com ele, mas, por se sentir respeitado como pessoa.” (dado 25)

(25) “Nesta perspectiva, o autor enfatiza a necessidade **dos** professores utilizarem as novas tecnologias [...]” (dado 26)

Há em todos estes contextos, (21), (22), (23), (24) e (25), a realização do ato de fala ação decorrida que, como já foi apresentado, refere-se à ação que pressupõe um desenvolvimento oracional mais à direita do elemento relacional [das; do(s)], conforme pode-se constatar nas sentenças mencionadas. Apesar de estruturalmente e foneticamente ter sido realizada a contração nessas construções [de + as = das; de + o = do; de + os = dos], evidencia-se sua não confluência ao ato de fala realizado – o qual não corresponde, nesses contextos, à posse ou à referência.

Perceba-se que em todas as situações “Em virtude das atividades **terem sido** realizadas” (21), “[...] o fato do português brasileiro **ser** uma língua de imensa maioria” (22), “[...] apesar do governo Lula **ter tido** grandes avanços” (23), “[...] não apenas pelo fato dos colegas e professores **saberem** se comunicar” (24), “[...] o autor enfatiza a necessidade dos professores **utilizarem** as novas tecnologias” (25), há orações (forma simples e locucionada). Essas orações estão mais à direita dos elementos relacionais e estão nos domínios dos termos implicantes (nesse caso, dos elementos pospostos). Dessa forma, com a contração, produz-se um efeito de sentido (posse ou referência) que não se aplica ao pretendido, isto é, de ação decorrida.

Em (21), a oração mencionada atua no domínio do SN unitário [atividades]; em (22), a oração possui como escopo o SN [português brasileiro]; no dado (23), a ação em desenvolvimento com a presença verbal está presa ao SN [governo Lula]; em (24), tem-se a oração atuando no domínio dos SN [colegas] e [professores]; já em (25), visualiza-se a presença verbal atuando no SN unitário [professores]. Desse modo, é perceptível – através das construções apresentadas – que não estão sendo colocados em ponto de referência os elementos anteposto e posposto (como em casos nos quais a contração acontece), tampouco há relação de posse entre tais elementos (-Animado e +Animado; -Humano e +Humano).

Adicionando-se, há, em (26), a ocorrência da não contração da preposição [de] com o artigo indefinido [um]:

(26) “A diferença **de um** humorista que acha que tudo tem que ser relevado, até ‘piadas’ sobre algo delicado.” (dado 24)

Em (26), há a não contração da preposição [de] e do artigo indefinido [um], caracterizando, assim, o efeito de sentido referência. Pode-se ratificar, nessa construção, a opcionalidade da contração, resultando em [A diferença **dum** humorista que acha que tudo tem que ser relevado, até ‘piadas’ sobre algo delicado.]. O efeito de sentido referência não vai ser modificado se houver contração, mas, a diferença entre (não) contração, nessa seara, é de um grau de formalidade menor ou maior a depender do contexto no qual a sentença for proferida, conforme foi visto na análise dos dados oriundos de mídias no atinente à contração da preposição [de] com artigos indefinidos.

Nessa perspectiva, e através dos dados analisados no subtópico 4.2.1 com essa configuração estrutural, uma nova hipótese pode ser engendrada como já sinalizado: a contração da preposição [de] com artigos indefinidos vai permitir opcionalidade de utilização, sem alteração nos efeitos de sentido posse ou referência e ação decorrida.

Isto posto, há a construção (27), encerrando o *corpus* no que tange aos dados oriundos de outras fontes:

(27) “**Através dos** argumentos acima mencionados, pode-se perceber que não há razão para a contraposição entre o desenvolvimento do trabalho escolar e o jogo [...]”. (dado 27)

Findando a análise e discussão dos dados, há em (27) a locução prepositiva [apesar de] sendo contraída com o artigo definido [os], resultando em [apesar dos]. Nesse contexto, percebe-se a conformidade do que foi estruturalmente e foneticamente realizado, denotando o efeito de sentido referência. Se a sentença fosse produzida [*Através de os argumentos acima mencionados], ter-se-ia uma agramaticalidade nessa construção em PB, haja vista esta não possuir uma ideia de ação decorrida, isto é, não há a presença de um evento comunicativo em desenvolvimento. Dito de outro modo, não se visualiza uma presença verbal mais à direita do elemento posterior [argumentos].

A seguir, encontra-se o quadro 6 com um resumo sobre as discussões patenteadas ao longo da análise dos dados oriundos de outras fontes:

Quadro 6 – Dados Oriundos de Outras Fontes

ELEMENTO ANTEPOSTO	ELEMENTO RELACIONAL	ELEMENTO POSPOSTO	EFEITOS DE SENTIDO				
			CONTRAÇÃO	NÃO CONTRAÇÃO	CONTRAÇÃO	POSSE	REFERÊNCIA
21	“Em virtude	das		atividades” ⁸⁴	+	-	-
22	“fato	do		português” ⁸⁵	+	-	-
23	“apesar	do		governo” ⁸⁶	+	-	-
24	“diferença		de um	humorista” ⁸⁷	-	-	+
25	“fato	dos		colegas” ⁸⁸	+	-	-
26	“necessidade	dos		professores” ⁸⁹	+	-	-
27	“Através	dos		argumentos” ⁹⁰	-	-	+

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

⁸⁴ Livro físico *Programa Residência Pedagógica: saberes, identidades e práticas docentes*, 2022, p. 34.

⁸⁵ Livro físico *Preconceito Linguístico*, 2015, p. 32.

⁸⁶ Instagram – *Seremos Resistência*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CbPvRsQL1Z-/>.

⁸⁷ Instagram – *Seremos Resistência*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CbqpAjkLIms/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.

⁸⁸ Artigo Científico – *A língua brasileira de sinais como potencializadora de conteúdos interdisciplinares na educação básica*, 2020, p. 7.

⁸⁹ Monografia – *As contribuições das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no processo ensino/aprendizagem*, 2016, p. 13.

⁹⁰ *Ibid.*

5 CONCLUSÕES

Ao início desta pesquisa, foram apresentadas as construções *Está na hora do almoço começar* (contração) e *Está na hora de o almoço começar* (não contração) como estruturalmente semelhantes nas modalidades escrita e oral do PB, contudo divergentes no que tange a efeitos de sentido. Nessa perspectiva, esse trabalho interessou-se por uma investigação que verificasse as divergências de sentido entre as construções prototípicas evidenciadas a partir dos efeitos de sentido posse ou referência – ligados, *a priori*, à contração – e ação decorrida – relacionado à não contração.

Diante disso, o estudo teve como objetivo geral analisar ocorrências da contração de preposições com artigos definidos e indefinidos em produções autênticas escritas do PB. Nessa ótica, ratifica-se que o objetivo cerne da pesquisa foi alcançado, visto que se conseguiu localizar usos de contrações (não) viáveis em textos autênticos escritos a partir da identificação dos efeitos de sentido posse ou referência e ação decorrida nos dados analisados, valendo-se de contextos de usos. Além disso, ressaltam-se as testagens sobre possibilidades para (não) contração referida em dados de intuição.

Em adição, algumas considerações podem ser apresentadas quanto às hipóteses desse trabalho. Na hipótese 1, tinha-se que a ideia de posse ou referência se restringe ao fenômeno da contração de preposições + artigos definidos e indefinidos para o PB escrito. Assim, houve uma corroboração parcial dessa hipótese, haja vista que nem sempre isso acontecerá. Desse modo, tem-se a opcionalidade da contração, tendo em vista que essa opcionalidade não implicará nos efeitos de sentido posse ou referência e ação decorrida, conforme pôde-se observar nos dados (1), (2), (7), (8), (9) e (10) – oriundos de mídias – e em (26) – oriundo de outras fontes.

Verificou-se que, nas sentenças (1) e (2), a opcionalidade deu-se com a preposição [para] e com artigos definidos [o e as], realizando o ato de fala finalidade e tendo uma situação oracional final mais à direita do elemento relacional. Já em (7), (8), (9), (10) e (26), aconteceu com a preposição [de] e com os artigos indefinidos [um e uma]. Nesse sentido, pode-se apontar – através da análise dos dados – essas assertivas como restrições e novas hipóteses para o fenômeno da contração de construções prepositivas [para e de] com artigos definidos e indefinidos [o e as; um e uma], sendo permitida a opcionalidade de contração nesses contextos, sem alteração nos efeitos de sentido posse ou referência e ação decorrida.

Importa evidenciar, antes de tecer considerações acerca da hipótese 2, que em nenhum dos dados coletados e analisados constatou-se o efeito de sentido posse, o qual estaria associado

à contração de preposições com artigos definidos e indefinidos em situações de elemento anteposto com traço -Animado e elemento posposto com traço +Animado. Isso não implica assegurar – estrutural e discursivamente – que esse efeito de sentido não existe ou que não pode estar presente em produções autênticas escritas. Pode-se dizer, contudo, que, nos contextos analisados, não foi produtivo, evidenciando, pois, esse efeito de sentido como presente em estruturas legítimas do PB, em conformidade ao dado de intuição (11) expresso no tópico 3.

Como hipótese 2, tinha-se que a ideia de posse ou referência é bloqueada pela ausência da contração de preposições + artigos definidos e indefinidos para o PB escrito, prevalecendo a ideia de ação decorrida (não contração). Essa hipótese foi corroborada plenamente, levando-se em consideração que o ato de fala ação decorrida – mais produtivo nos dados analisados – só vai permitir a não contração, devendo essa última, obrigatoriamente, ser desmembrada em contextos nos quais for contraída inadequadamente, de acordo com as construções (3), (4), (5), (6), (11), (12), (13), (14), (15), (16), (17), (18) – oriundas de mídias – e (21), (22), (23), (24) e (25) – oriundas de outras fontes.

A hipótese 3 relacionava-se à ideia de que a contração ou não contração de preposições + artigos definidos e indefinidos não garante a restrição de posse ou referência e ação decorrida, nem é bloqueada pela ausência desse tipo de contração para o PB escrito. Com efeito, essa resposta provisória não foi corroborada, haja vista que nos 27 dados analisados – a partir de mídias e de outras fontes – e/ou nas testagens realizadas com dados de intuição, essa assertiva não pôde ser confirmada, sendo, portanto, descartada para generalizações sobre o fenômeno estudado.

Sendo apresentadas as três hipóteses dessa pesquisa, pode-se afirmar que os dados analisados revelam a alternância do uso adequado e não adequado, em contextos mais monitorados (livros físicos, por exemplo) e em menos monitorados (conta comercial de *Instagram*), conforme visto. Esses usos adequados e não adequados para a contração de preposições com artigos definidos e indefinidos, portanto, implicarão, incisivamente, em mudanças nos efeitos de sentido posse ou referência e ação decorrida em alguns casos e, em outros, produzirão situações de agramaticalidade em sentenças para o PB escrito.

Nessa ótica, constatou-se, a partir da testagem do *corpus*, que as preposições [de e para] e as locuções prepositivas [antes de, apesar de, a partir, de, em virtude de, através de] são passíveis de contração com artigos definidos e artigos indefinidos, para o PB escrito, nos contextos analisados. Por conseguinte, percebeu-se, através dos dados coletados, que construções prepositivas com traço +L ou -L ou com traço +F ou -F não irão interferir para os

efeitos de sentido posse ou referência e ação decorrida, não havendo restrições, portanto, dessa natureza no que tange ao estudo evidenciado.

Além disso, averiguou-se que os contextos de aparecimento da preposição [de] foram de complementação nominal, tanto em dados oriundos em mídia quanto em dados oriundos de outras fontes, sendo, portanto, mais produtivos em ambos. Nessa seara, pode-se apresentar uma restrição para a não contração: quando se tem posterior à preposição de CN uma oração, tal preposição restringe a contração, prevalecendo o efeito de sentido ação decorrida em consonância aos dados (14), (15) e (16), por exemplo.

Já os contextos de aparecimento da preposição [para] foram de complementação verbal, realizando o ato de fala finalidade, não havendo restrição para a contração de preposições com artigos definidos e indefinidos no que diz aos efeitos de sentido apresentados. Ressalte-se, ainda, que as complementações nominais – seguidas de situações verbais ou não – aconteceram com os efeitos de sentido referência (contração) e ação decorrida (não contração), evidenciando um papel duplo para a atuação de CN em relação a esses efeitos de sentido.

Além disso, verificou-se que, tantos nos dados de mídias quanto nos de outras fontes, não houve mudança de comportamento do fenômeno estudado para os efeitos de sentido posse ou referência e ação decorrida. Não obstante a isso, outros contextos escritos de usos precisam ser analisados a fim de que generalizações mais precisas possam ser realizadas acerca do fenômeno da contração de preposições com artigos definidos e indefinidos para o PB no que se refere aos efeitos de sentido em questão.

Espera-se que o estudo realizado contribua para formulações de propostas didáticas do recurso citado em sala de aula. Em virtude do curto período de tempo e por questões de delimitação, não foi possível a elaboração de proposta com esse viés, mesmo sendo um dos intentos do autor dessa pesquisa. Outrossim, espera-se que pesquisadores/as outros/as, a partir dos achados desse trabalho, consigam formular uma proposta didática para posterior aplicação ao ensino de Língua Portuguesa para a Educação Básica.

Por fim, é imperioso ressaltar que este estudo não possuiu a pretensão de exaurir todos os aspectos contidos no fenômeno investigado. Nesse sentido, sugere-se, para pesquisas adiante, que possa ser realizada uma paridade no que tange aos dados de escrita analisados nessa investigação científica e a dados de oralidade, objetivando perceber se pode haver, realmente, quaisquer restrições para a contração de construções prepositivas com artigos definidos e indefinidos nessa modalidade da língua em uso também.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA o globo. Contra Bolsonaro, Lula quer intensificar divulgações do PT nas redes sociais. *Ig último segundo*. 2021. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2021-10-04/contra-bolsonaro--lula-quer-intensificar-divulgacoes-do-pt-nas-redes-sociais.html>. Acesso em: 11 out. 2021.
- ARNAULD, Antonie; LANCELOT, Claude. *Gramática de Port-Royal*. Tradução: Bruno Fregni Basseto e Henrique Graciano Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2013.
- BACCEGA, Maria Aparecida. *Artigo e crase*. São Paulo: Ática, 1989.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. 56. ed. São Paulo: Parábola, 2015. p. 32.
- BBC news Brasil. O que dizer para quem ainda tem dúvidas sobre se vacinar contra a covid-19. *Ig último segundo*. 2021. Disponível em: <https://saude.ig.com.br/2021-10-10/o-que-dizer-para-quem-ainda-tem-duvidas-sobre-se-vacinar-contr-a-covid-19.html>. Acesso em: 11 out. 2021.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BRITO, Ana Maria. Categorias sintáticas. In: MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 391-403.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 44. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CARVALHO, Nelly. *A palavra é*. Recife: Liber, 1999.
- CASAGRANDE, Graciéle Nissola. *As contribuições das tecnologias digitais da informação e comunicação (tdic) no processo ensino/aprendizagem*. 2016. Monografia (Especialização em Educação na Cultura Digital) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- CASO nas Filipinas abre precedente para Bolsonaro ser julgado em Haia. *Ig último segundo*. 2021. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/2021-10-02/caso-nas-filipinas-abre-precedente-para-bolsonaro-ser-julgado-em-haia.html>. Acesso em: 11 out. 2021.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática de língua portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

DAMIÃO, Paulo. Queda com batida de cabeça, perda do companheiro e sumiço: Jô Soares desaparece após deixar a Globo. *TV Foco*. Disponível em: <https://www.otvfoco.com.br/queda-e-perda-do-companheiro-jo-soares-desaparece-apos-deixar-a-globo/>. Acesso em: 21 dez. 2021.

DUARTE, Inês. A família das construções inacusativas. In: MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 558-559.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de linguística*. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

FAMÍLIA de Moïse está sem acesso ao inquérito policial, afirma OAB-RJ. *MSN*. Disponível em: <https://www.msn.com/pt-br/noticias/brasil/fam%C3%ADlia-de-mo%C3%AFse-est%C3%A1-sem-acesso-ao-inqu%C3%A9rito-policial-afirma-oab-rj/ar-AATrOCZ>. Acesso em: 07 fev. 2022.

FARIAS, Jair Gomes. *Aspectos da Sintaxe de preposições no Português*. 2005. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2005.

FARIAS, Jair. Sobre a natureza categorial das preposições a, para e em em contextos estruturais com verbos do tipo ir e chegar: lexical ou funcional?. In: MOURA, Denilda; FARIAS, Jair. *Reflexões sobre a sintaxe do português*. Maceió: EDUFAL, 2005.

KENEDY, Eduardo; OTHERO, Gabriel de Ávila. *Para conhecer sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2018.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 58. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

LUCIANO Hang faz vídeo algemado caso seja preso pela CPI da Covid. *Ig último segundo*. 2021. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2021-09-27/luciano-hang-faz-video-algemado-caso-seja-presos-pela-cpi-da-covid.html>. Acesso em: 11 out. 2021.

MARTINEZ, Thiago. Covid atrapalha o Corinthians e United não pretende liberar Cavani. *Ig último segundo*. 2021. Disponível em: <https://esporte.ig.com.br/futebol/2021-12-21/covid-atrapalha-o-corinthians-e-united-nao-pretende-liberar-cavani.html?Foto>. Acesso em: 21 dez. 2021.

MARTINS, André. Quantos ingressos foram vendidos para a final entre Flamengo x Corinthians?. *Exame*. Disponível em: <https://exame.com/esporte/quantos-ingressos-foram-vendidos-para-a-final-entre-flamengo-x-corinthians/>. Acesso em: 22 out. 2022.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2018.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

NUNES, Larissa Christine Pinheiro; FILGUEIRA, Aline da Silva; SERRA, Criste Arly Castro Pinheiro Serra. A língua brasileira de sinais como potencializadora de conteúdos interdisciplinares na educação básica. In: GONÇALVES, Maria Célia da Silva; JESUS, Bruna Guzman. *Educação Contemporânea*. Belo Horizonte: Poisson, 2020.

O DIA. RJ: Mulher diz ter engravidado sozinha em banheira de hidromassagem. *Ig último segundo*. 2022. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2022-02-23/rj-mulher-engravidado-sozinha-banheira-hidromassagem.html>. Acesso em: 23 fev. 2022.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2019.

PALHARES, Isabela; SALDAÑA, Paulo. Ministério da Educação não tem dados sobre eficácia de jogo de alfabetização citado por Bolsonaro. *Acessa.com*. 2022. Disponível em: <https://www.acessa.com/noticias/2022/10/102683-ministerio-da-educacao-nao-tem-dados-sobre-eficacia-de-jogo-de-alfabetizacao-citado-por-bolsonaro.html>. Acesso em: 22 out. 2022.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

RAPOSO, Eduardo Paiva. *Teoria da gramática – a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

SANTOS, Cirlene Jeane Santos e *et al.* A experiência do PRP – Geografia. In: ARAÚJO, Adelmo Fernandes de. *et al (Org.)*. *Programa Residência Pedagógica: saberes, identidades e práticas docentes*. Maceió: Café com Sociologia, 2022. p. 34.

SEREMOS resistência. Alguém se identifica? *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CbPvRsQL1Z/>. Acesso em: 18 mar. 2022.

SEREMOS resistência. @tatáwerneck a maior. *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CbqpAjkLlms/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 29 mar. 2022.

SILVA, Bruno Batista da. *Classe das preposições e suas funções estrutural e lexical*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Alagoas, Arapiraca, 2019.

SILVA, Elias André da. *Curso de Sintaxe de Língua Portuguesa: notas de aula*. Arapiraca: [s.n.], 2021.

SILVA, Maria Cristina Figueredo. *Para conhecer morfologia*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 9-24.

STF: Saúde tem 5 dias para explicar prescrição para vacinação infantil. *Ig último segundo*. 2021. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2021-12-24/stf-vacinacao-infantil-prescricao.html>. Acesso em: 03 jan. 2022.

TRAGÉDIA causada pelas chuvas é 'algo nunca visto', diz governador da Bahia. *Ig último segundo*. 2021. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2021-12-26/rui-costa-bahia-enchente-algo-nunca-visto.html>. Acesso em: 03 jan. 2022.

TROMBINI, Miguel. Vyni do 'BBB' 22: como pessoas LGBT podem se atrair por pessoas hétero. *Ig último segundo*. 2022. Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2022-02-20/vyni-se-apaixona-por-eliezer-no-bbb-22.html?Foto1>. Acesso em: 22 fev. 2022.